

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura

Gustave Dubarry



Otelo



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Gustave Dubarry

Otelo

Tradução
D. Alda de Sousa

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Gustave Dubarry
(?)

“Projeto Livro Livre”

Livro 578



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor Gustave Dubarry: “*Otelo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

I - O RAPTO.....	1
II - OTELO.....	8
III - EM CHIPRE.....	17
IV - O TRAIADOR.....	26
V - O LENÇO.....	34
VI - OS EMBAIXADORES.....	43
VII - CRIME E CASTIGO.....	50

I - O RAPTO

Era a época mais feliz e florescente da aristocrática República de Veneza. As esquadras disputavam vantajosamente aos turcos a supremacia no Mediterrâneo, e nas costas gregas, Rhodes e Chipre unidas ao feliz povo da poderosa Senhoria, diziam eloquentemente ao otomano que não era nada fácil arrancar a presa ao leão de S. Marcos, quando este a colhera nos seus afilados dentes.

Vivia-se por então no tempo em que a espada não podia enferrujar dentro da bainha, pois nos breves intervalos durante os quais os exércitos não lutavam de povoado em povoado, de nação em nação, os indivíduos, sem distinções de categorias nem de classes, inventavam mil pretextos para guerrearem entre si, receosos talvez de olvidarem no repouso o manejo das armas.

Por causa disto e também com receio dos inumeráveis "*briganti*" e roubadores de bolsas que, durante a noite, vagueavam pela poética cidade dos canais, nem todos se atreviam a transitar por ela fora de horas, pois estavam certos de que nada bom encontrariam nas suas escuras e misteriosas ruas.

Eis porque causava certa estranheza ver a tranquilidade com que dois cavaleiros, jovens e de elegante porte, se bem que tal elegância fosse mais notável no que aparentava menos idade, conversavam passeando pela solitária praça de S. Marcos à uma hora da madrugada de uma noite de inverno.

Devemos ponderar que a tranquilidade, a que acabamos de aludir, referia-se somente ao fato dos cavaleiros não recearem dos perigos noturnos que os ameaçavam em tal sítio e a horas tão mortas da noite; por outro lado, os dois homens pareciam dominados por viva agitação, a julgar pela veemência dos gestos e pela animação com que sustentavam o seguinte diálogo:

—Digo-te, meu caro Iago, que semelhante coisa é impossível, dizia o mais novo e de melhor aparência dos dois interlocutores, tão impossível como o Adriático poder devolver a sua Senhoria o Doge o anel que este lhe deu no dia das suas núpcias.

— Pois eu asseguro-te, nobre Rodrigo, replicou o mais velho dos cavaleiros, que trajava à militar e ostentava a divisa de alferes, que vi com os meus próprios olhos tua prima Desdêmona, há pouco mais de uma hora, fugir de casa do pai, o senador Brabâncio, e saltar para uma gôndola, onde a esperava esse maldito africano, que Deus confunda.

— Pois bem, os teus olhos traíram-te, apresentando à tua fantasia como real o que não era mais do que um sonho. Ah! as garrafas de vinho de Chipre que bebeste esta noite, tiveram mais força do que a tua resistência de bebedor

habituação às libações, e puseram-te completamente borracho, respondeu de mau humor aquele a quem o seu companheiro dava o nome de Rodrigo.

— Dizem, e com razão, que de namorado a tonto não vai mais do que um passo! exclamou o alferes Iago em tom desdenhoso.

— Porque dizes isso? perguntou com altivez Rodrigo. Tratas acaso, de insultar-me?

— Deus me livre de tal coisa, respondeu Iago. Queres dizer-me o que ganharia com isso?

— Seja pelo que for, o fato é que me chamaste tonto.

— Não, disse que estavas enamorado, e desafio a que o negues.

— Seria inútil, pois sabei-o tão bem como eu, confessou Rodrigo. Mas deixemos de discussões inúteis e vamos ao que importa. Se o que me acabas de dizer não é uma infame mentira ou estúpida fantasia de bêbado; se a minha prima Desdêmona esqueceu a honra de sua família, o respeito e as cãs de seu pai, toda a sua juventude de pudor e recato que a tornavam a donzela mais pura de Veneza; se esqueceu tudo isto, repito, para lançar-se nos braços desse mouro de rude linguagem e de rosto enegrecido, como qualquer infame Messalina, preciso será crer de hoje para sempre que a mulher, desde que nasce, é matéria afeiçoada para o vício e o ser mais ignóbil que existe sobre a terra.

— Enganas-te, nobre Rodrigo, e a tua paixão e ciúmes fazem-te ver as cousas, aumentadas até à exageração ridícula, replicou tranquilamente Iago. A mulher, na realidade, não é boa nem má, pura ou impura, mas simplesmente mulher e, como tal, joguete das circunstâncias. A culpa do que sucede não a tem ela, mas sim o velho tonto do pai que, depois de a ter encerrada como monja durante dezessete anos, deixou entrar em casa Otelo com a mais ampla liberdade, consentiu que visitasse tua prima, conversasse com ela no mais absoluto isolamento, e, enfim, cruzou tranquilamente os braços, entanto que o lobo rondava incessantemente em redor da ovelha.

— Mas, replicou Rodrigo irritado, quem poderia supor que uma jovem tão inocente e virginal como Desdêmona, pudesse chegar a enamorar-se de um homem negro e feio como esse maldito mouro?

— Outro qualquer que não tivesse sido um velho imbecil como teu tio Brabâncio, ou um namorado cego como tu, teria suspeitado que esse mouro, precisamente pelo que tem de extraordinário, poderia chegar a deslumbrar e a seduzir a donzela, como realmente sucedeu. Ignoras por ventura, continuou Iago animando-se enquanto falava, que ninguém conhece

Otelo melhor do que eu, e que é este exatamente o motivo do ódio mortal que lhe tenho? Esse homem é feio, concordo; de rude linguagem e desabridas maneiras, mas nasceu como o leão para dominar e vencer, onde quer que se encontre; a alma dele é grande como o espaço e profunda como o abismo; o coração é de gigante, e nele os sentimentos humanos, com tudo quanto há de leal e de nobre, desenvolvem-se até assumirem proporções do sobre natural; junta a isto uma vida romântica, cheia de peripécias emocionantes e curiosíssimas, sustentada à custa de uma luta constante com os homens, com as feras e até com os elementos; enfim, um homem de sangue real, realeza moura, mas que vale tanto como outra qualquer, um homem de sangue real, repito, que perde seus pais, é vendido como escravo, foge através do deserto e, sem outras armas do que a coragem pessoal, a força de um Hércules, se assenhoreia das selvas virgens, das quais desaloja os tigres e os leopardos: que depois se apresenta entre os homens e pratica com eles o mesmo que com os temíveis moradores dos bosques; que chega a Veneza quando a República está a ponto de tornar-se província de Constantinopla, e, com o seu valor lendário e o seu talento de general a salva, destrói os inimigos e devolve todo o brilhante esplendor à vacilante Majestade. Pensa em tudo isto, repito, apresenta tal homem prodigioso a uma rapariga de dezessete anos, enamorada, como todas, do maravilhoso poético, do extraordinário, e à fé de cavaleiro te juro, que a fealdade e a rudeza materiais d'um mouro desaparecerão ante os olhos da virgem inocente, para não lhe deixar ver mais do que o lado poético da varonil e sobre-humana figura do herói, ante a qual surgem empequenecidos até ao ridículo, os peralvilhos louros e afeminados que tenha visto pisar até então as alcatifas dos seus salões.

— A julgar pela discrição que acabas de fazer de Otelo, não parece senão que estás tão enamorado dele como minha própria prima Desdêmona, ponderou sarcasticamente Rodrigo.

— Por quê? replicou Iago com maior sarcasmo. Porque o conheço e conservo o senso comum necessário para poder apreciar no seu justo valor as qualidades desse homem e dar conta exata da influência que tais qualidades podem exercer no coração de uma jovem? Que disparate supor que eu amo Otelo! Pelo contrário, odeio-o com todas as forças da minha alma e de boa vontade inventaria qualquer novo tormento para vê-lo morrer na mais horrorosa das agonias. Preferiu-me a esse florentino, Miguel Cássio, a quem nomeou seu tenente, deixando que eu, com o estúpido pretexto de que ignoro a estratégia militar, continue sempre alferes, o que é pior ainda. Falando francamente, não tenho base firme para fundar as minhas suspeitas, mas chegou-me a parecer que o maldito mouro e minha mulher, Emília, dormiram mais de uma vez no mesmo leito que paguei para celebrar as bodas. Só esta suspeita faz com que sinta todos os martírios do inferno nas entranhas e deseje vingar-me de Otelo, de maneira que cause horror ao próprio Deus das vinganças. Por isso te procurei

esta noite, acrescentou o alferes fixando em Rodrigo os olhos chamejantes. Estás apaixonado por tua prima Desdêmona, e o homem que eu odeio roubou-te; pois bem, se me prometes fazer tudo quanto te disser cegamente e sem discutir as minhas indicações, garanto-te que Otelo pagará o seu crime e Desdêmona acabará por arrojarse nos teus braços sincera e profundamente arrependida do que fez.

— Deveras? Não me enganas? exclamou Rodrigo louco de alegria.

Juro-o! respondeu Iago com um gesto de convicção; se me obedeceres em tudo, antes de um mês Desdêmona será tua.

— Que tenho a fazer para tanto? perguntou Rodrigo disposto aos maiores sacrifícios para conseguir o amor da prima.

— Primeiro, disse Iago, que nunca perdia a presença de espírito, ganhar o tempo que temos perdido discutindo aqui como dois tontos, ou como dois homens despreocupados, que não têm nada a fazer, quando cada minuto que se perde é um século, difícil de recuperar.

E no relógio de S. Marcos soaram nesse momento duas horas.

— Já duas horas! exclamou Iago, arrastando consigo o amigo, enquanto falava. É bastante tarde e ainda precisamos de correr muito!

— Onde me conduzes? perguntou Rodrigo desconfiado, mas seguindo docilmente o alferes.

— Ao palácio de teu tio, para comunicar ao pobre velho a sua desonra e a fuga da filha, se é que ele ainda não deu por tal, como é provável, pois deve dormir a estas horas, ajuntou Iago.

— Mas vamos provocar um escândalo! replicou o primo de Desdêmona, a quem, como cavaleiro que era repugnava semelhante espécie de delação.

— É isso precisamente o que nós necessitamos: um escândalo, disse Iago, sem deixar de arrastar o amigo. Um escândalo que fira o orgulho e a vaidade de um dos senhores mais poderosos de Veneza, e que obrigue o Doge a castigar o culpado com todo o rigor que exigem a gravidade da falta e as duras leis da República. Basta-me tanto para ver satisfeito o meu ódio, continuou o miserável com feroz sorriso, depois Otelo será destituído do seu posto de general e de todas as honras, como autor de um delito que atentou contra a dignidade de um dos membros do Senado, sem contar as penas corporais que cairão sobre ele e que serão verdadeiramente terríveis, pois conheço bem a justiça veneziana e sei que é inexorável neste ponto.

E, ao proferir tais palavras, lago ria com um riso sedento de sangue.

Entretanto chegaram ao magnífico palácio do senador Brabâncio e, depois de baterem ruidosamente à grande porta de entrada, obrigaram a criada a despertar o amo, que deixou o leito e recebeu os noturnos visitantes com a vontade que pode supor-se.

Mas esta má vontade não tardou em converter-se em estupefação levada até à atonia, que por sua vez se transformou numa indignação que esteve a pontos de o enlouquecer, quando o sobrinho o informou da fuga da jovem e virginal Desdêmona, rapto que se negou obstinadamente a acreditar, a começo, mas que em breve pôde ver comprovado, depois de pessoalmente percorrer todos os cantos do palácio com a mesma minuciosidade que empregaria se, em vez de procurar uma mulher, se tratasse de um objeto menos que imperceptível.

Era que o infeliz velho tinha ante os olhos a realidade e recusava admiti-la, ditoso ainda com a ilusão de que tudo aquilo não era mais do que um pesadelo horrível, do qual não tardaria a despertar.

Assim, quando lhe foi impossível duvidar e que teve de se render fatalmente à evidência, a sua dor não conheceu limites e, no cumulo da desesperação, amaldiçoou a filha e todas as mulheres chamando-lhes encarnação viva de Lusbel, da qual tinham até a infernal formosura; renegou o céu e a terra e não deixou de lastimar-se e blasfemar até que, vencido pelo peso da própria aflição, somente lhe ficaram energias para lamentar com soluços convulsivos a imensa desgraça que acabava de cair-lhe na encanecida cabeça.

Passada a angustiosa crise, reanimou-se um pouco, e com as forças voltou-lhe o orgulho e a altivez de patrício veneziano; a partir deste momento só pensou em vingar o ultraje recebido, para o que era preciso, antes de mais nada, apoderar-se do autor da sua desonra, do infame que lhe roubara a filha.

Por conseguinte e sabendo por lago que Otelo se encontrava àquelas horas nas margens do Adriático, e não longe do porto, onde estava ancorada a galera destinada a transportá-lo nas suas expedições guerreiras, reuniu a toda a pressa alguns soldados, e pondo-se animosamente à frente da pequena escolta, ordenou a seu sobrinho e a lago que o guiassem até o sítio onde poderia encontrar o raptor de Desdêmona.

Rodrigo prestou-se de bom grado a acompanhá-lo; mas o alferes, que tinha razões suficientes para recear que o mouro o visse em companhia dos que iam persegui-lo, alegou tão plausíveis e lógicos motivos, que o vingativo e furioso pai consentiu em que marchasse diante de eles, precedendo-os a boa distância, para que quando a ameaçadora comitiva chegasse onde estava Otelo, ele se

encontrasse já ao lado do chefe, ao qual teria entretanto explicado satisfatoriamente a sua ausência.

Assim fizeram, com efeito, adiantando-se logo a passo largo, pelo caminho mais curto e seguindo-o lentamente, Brabâncio, Rodrigo e os homens de armas que os acompanhavam.

Precisamente no momento em que logo se apresentava ao general, recebia este uma embaixada do Doge, que, apesar do adiantado da hora, estava presidindo ao Conselho dos Dez convocado a toda a pressa para assunto de vital interesse da República e que exigia a presença imediata do general ante o Conselho.

— Está bem, respondeu gravemente Otelo aos emissários do Doge que acabavam de dar-lhe esta ordem. Já os sigo; para falar verdade, preferia aguardar o dia de amanhã para tratar negócios graves; pois asseguro-lhes, senhores, que esta noite tenho mais coração do que cabeça. Mas o Estado está acima de tudo e obedeço o sua senhoria. Partamos.

— Alto aí, perro traidor, ladrão de honras, corruptor de donzelas! gritou uma voz colérica e cheia de ira, no momento em que o mouro e os comissionados do Doge se punham a caminho. — Para ou mato-te como o miserável que és! Que fizeste de minha filha? Vamos, responde, infame Restitui-me Desdêmona!

Ao encontrar-se cara a cara com Brabâncio, que, como já terão adivinhado os leitores, era quem o increpava tão asperamente, o mouro ficou perplexo por um instante e sem saber, realmente, que partido tomar, pois era a primeira vez na sua vida que ouvia um homem insultá-lo de tal modo. Mas recuperando ato contínuo o sangue frio, dominou a situação com um simples esforço da poderosa vontade e respondeu brandamente ao velho:

— Senhor, reprimi a vossa cólera, que não tem razão de ser, pois nem eu sou ladrão de honras, e menos ainda corruptor de donzelas. Vossa filha seguiu-me esta noite voluntariamente, como está disposta a confessá-lo, e, apesar de há três horas ser minha mulher, permanece todavia tão pura como os anjos do céu. Juro-o pela minha espada!

—Mentes como um cão! gritou fora de si o velho. Minha filha não te seguiria de boa vontade e ainda menos se prestaria a ser esposa de um infame herege como tu! Recorres a tão estúpida desculpa para te livrares de cair nas minhas mãos. Mas enganas-te, miserável! continuou irritado Brabâncio, avançando um passo mais para Otelo, enganaste, se julgas ser-te fácil escapar à justiça e à minha vingança. Vês estes homens que me acompanham? acrescentou voltando-se e apontando com o braço hirto para os companheiros; pois bastará

um sinal meu para te arrancarem com os seus punhais a alma do corpo, se vacilas um só momento em me seguires.

O africano contemplou fixamente, durante um segundo, o encolerizado pai de Desdêmona, e no bronzeado rosto deixou transluzir uma expressão terna e compassiva; depois ergueu a poderosa cabeça com um gesto de leão e lançou um olhar de supremo desprezo aos homens que acompanhavam Brabâncio.

Em seguida respondeu com voz meiga e sossegada:

— São poucos, senhor, para obrigar Otelo a que faça o que não quer, enquanto estas duas mãos possam manejar uma espada ou estrangular um homem, e ao pronunciar estas palavras, o mouro estendeu os atléticos braços num tal gesto, que todos, até o próprio velho, retrocederam um passo e sofreram uma espécie de calafrio que lhes chegou até aos ossos; são poucos, repito; seriam necessários mais homens e, sobre tudo, homens de tempera, diferente desses que vos acompanham. Mas há outras razões mais poderosas, continuou o formidável africano com a mesma brandura até ali mantida, que vos impedirão agora de pôr mão sobre mim.

— Quais? rugiu o velho cego pela ira. Julgas por ventura que te vais livrar com as tuas valentias?

— Não, respondeu friamente Otelo; livro-me pelo menos agora, porque assim é a vontade do Doge, que acaba de chamar-me para que compareça sem a menor demora ante o Conselho dos Dez, o qual, presidido por ele, se acha reunido neste momento para tratar de assunto de gravíssimo interesse para o Estado, e a respeito do qual, segundo parece, necessitam conhecer a minha opinião. Agora bem; prosseguiu dizendo o mouro deliberadamente, ousaríeis opor-vos à vontade do Doge e do conselho, e tolher que se executassem as suas ordens, que, como sabeis, são sagradas na República, expondo-vos, talvez a pôr em perigo a segurança do Estado?

— Céus! Falarás verdade? exclamou Brabâncio desesperado ao ver que a presa estava prestes a escapar-lhe.

— Estes cavaleiros podem responder-te, afirmou o mouro, indicando os comissionados do Doge, que permaneciam a poucos passos de distância, testemunhas mudas da acalorada cena.

— Assim é, nobre Brabâncio, afirmou o que parecia ser o chefe do grupo. Quanto acaba de dizer o general é absolutamente verdade.

O velho senador pareceu ficar um momento atordoado com o peso da notícia.

Mas, de pronto, ergueu a cabeça, os olhos faiscaram-lhe com a viva satisfação da vingança satisfeita, e perguntou ao chefe dos comissionados:

—Disseste que o Doge está neste momento presidindo ao Conselho dos Dez?

— Assim o disse e assim é, nobre Brabâncio; respondeu o interpelado.

— Pois bem, nesse caso, continuou o pai de Desdêmona, que melhor ocasião do que esta para exorá-lo a que faça justiça? Por muito grave que seja o assunto que presentemente o ocupa, não poderá sê-lo tanto que o impeça de ouvir a queixa de um senador da República, sobre tudo de um senador da minha ascendência, contra um bandido que o Estado abrigou incautamente, no seu seio. Ides à presença do Doge, não é assim? Pois bem, eu vou também e assim ganharei tempo, em vez de o perder, como supus. Já vês, concluiu o raivoso velho dirigindo-se a Otelo, que não há poder humano que te livre da minha vingança! Vamos ter com o Doge e pedir-lhe justiça!

E todos formando um grupo compacto abandonaram as margens do Adriático e perderam-se lentamente nos solitários e tenebrosos labirintos da poética cidade dos canais.

II - OTELO

Apesar da gravidade das circunstâncias, o Doge não pôde conter uma exclamação de surpresa ao ver entrar Brabâncio na sala onde se celebrava o conselho, acompanhando Otelo, sem que para isso trouxesse ordem sua. Lançou pois, um olhar colérico ao velho senador e perguntou severamente:

— Quem se atreve a desobedecer deste modo à minha vontade e às leis da República, que proíbem a entrada na sala do Conselho a todo aquele que não tenha ordem expressa de comparecer ante mim?

— Eu, Senhora — respondeu em tom firme, e atitude respeitosa o pai de Desdêmona. — Eu, que venho pedir-vos justiça para o irreparável ultraje que lançaram nas minhas cãs e no meu nome de patriota.

—Tão urgente é o caso e tão imperioso e veemente o teu desejo de ver reparado o agravo que recebeste, para olvidando toda e qualquer consideração, entrares neste recinto sagrado para todos os cidadãos da República?— replicou o Doge com enfado.

— A Vossa prudente e sabia razão julgará por si mesma — disse Brabâncio sem se deixar intimidar pela atitude severa do Doge, atitude que se refletia nos dez membros do Conselho. E, ato contínuo, indicando a Otelo que permanecia de

pé a seu lado. — Este homem, que a República acolheu em hora aziaga para todos, acabou de roubar-me a filha, desonrando-a, desonrando-me também e lançando uma mancha indelével sobre toda a nobreza veneziana, sobre o nobre nome que me orgulho de usar. Justiça, Senhoria, contra tamanho criminoso! justiça, se não quereis que eu renegue a própria terra em que nasci!

— Tranquiliza-te, bom Brabâncio — respondeu o Doge com benevolência — se é certa a acusação que acabas de fazer contra esse homem, contra esse hábil e heróico general que mais de uma vez tem dado provas da generosidade do seu coração, salvando a República, eu te prometo, como cavaleiro veneziano e como magistrado supremo do Estado, que justiça te será feita! Bem disseste afirmando que o ultraje que recebeste recai sobre todos os teus compatriotas. Mas sabes, prudente velho, que os momentos atuais são em extremo solenes e as circunstâncias gravíssimas? Os turcos dirigem-se contra ilha de Chipre, com uma poderosa esquadra, e dela se apoderarão, facilmente se não realizarmos um verdadeiro milagre de vontade e de força. Agora bem— prosseguiu o Doge, com convicção. — Sabes o que significa para Veneza a perda da ilha de Chipre? Significa ver-se reduzida a Rodas no Arquipélago; é a ruína do seu comércio com a Grécia e com toda a parte oriental da Europa; é o princípio da decadência do seu poder no Mediterrâneo, e quando Genova, Florença e o Pontificado saibam isto, cairão sobre a orgulhosa soberana do Adriático como um bando de abutres sobre uma águia ferida e enferma, para repartir os seus restos e insultar a sua passada grandeza. Imensa e justa é a tua dor, pobre velho, mas ante as calamidades que ameaçam a República, tu, varão sábio e prudente, responde: que significa a desgraça de um indivíduo, de uma família, de uma dor pessoal por grande que seja, comparada com o sofrimento de um povo?

— Perdoe-me a Vossa Senhoria e o sábio Conselho, respondeu humildemente o velho; ignorava as terríveis notícias que me acabais de comunicar e cega-me a dor e a soberba. Sofra eu e os meus mil vezes, dado que se salve a República! Se a pessoa que a pode salvar é esse homem, terminou indicando Otelo, desde este momento retiro a minha acusação e esperarei pacientemente, para lavar a mancha caída sobre o meu nome, que venham melhores tempos! Veneza e a República acima de tudo!

E, ao dizer estas palavras, o nobre velho pareceu verdadeiramente transfigurado pelo generoso entusiasmo que lhe trasbordava do coração, entusiasmo que se comunicou instantaneamente a todos os circunstantes, excetuando Otelo, que permaneceu sereno e frio como estátua de bronze. Mas apenas acabou de falar o pai de Desdêmona, e antes que o Doge tivesse tempo de responder-lhe, agradecendo a nobreza da sua conduta, como pensava fazê-lo, o mouro estendeu o braço direito, como dando a entender que queria pedir a palavra, e ao ver que os membros do Conselho inclinavam a cabeça, com um gesto de aprovação, começou com voz grave e pausada:

— O sábio e prudente Conselho, assim como a Senhoria que o preside, vão perdoar-me expor a minha opinião a respeito de tudo quanto sucede, sem que previamente me tenham autorizado para tanto.

— Era o que pensava agora fazer, pois não foste chamado para outra coisa, heróico Otelo, disse o Doge com benevolência; fala pois, com liberdade absoluta.

— Primeiro que tudo, prosseguiu o general, ocupar-me-ei, como é de justiça, do mais importante; quer dizer do que diz respeito ao Estado; depois tratarei da acusação que este velho acaba de lançar contra mim. Nada receiem! Serei breve, muito breve, porque pouco, na realidade, tenho de dizer com respeito aos dois assuntos. Por outro lado não é este o momento oportuno para dispensarmos palavras, mas sim de praticarmos atos; além disto a minha linguagem é rude e desataviada de galas.

“A Senhoria de Veneza e o sábio Conselho ignoram decerto que a única eloquência de que posso orgulhar-me é a das ações.

— Precisamente aquela de que hoje necessita a República, observou o Doge gravemente.

— Pois tê-la-á, respondeu Otelo com convicção absoluta. O que tenho a dizer com relação aos turcos que buscam apoderar-se da ilha de Chipre, reduz-se a isto: Montano, a quem deixei como governador na ilha, com plenos poderes para que me substituísse durante curta ausência, é um militar valente como há poucos e experimentado como nenhum; adora Chipre como um filho adora a mãe, apesar de não ter nascido lá; dispõe de bons elementos de combate e, por muito vigoroso que seja o ataque dos turcos, saberá resistir durante alguns dias, os suficientes para que, saindo eu esta mesma noite ou, para melhor dizer, esta manhã, de Veneza, tenha tempo de surpreender os otomanos antes de que logrem pôr nas torres da ilha o estandarte da meia lua.

— E crês, general, perguntou ansiosamente o Doge, que dispões de bastantes recursos para dominar e vencer o grande contingente de homens de guerra e armamento naval com que, segundo notícias fidelíssimas recebidas, os turcos se aprestam para a luta?

— Essas notícias exageram, ou mentem, replicou friamente Otelo. O sultão está gravemente empenhado nas guerras com Castela e com Papa, e não pode dispor de grandes elementos de combate. Que Montano resista somente oito dias, que me sejam favoráveis os ventos, e respondo pela minha cabeça, que a República conservará em seu poder Chipre e dará uma nova e forte lição ao seu

constante e teimoso inimigo, que o manterá na reserva durante muito tempo. Otelo, que nunca mentiu, jura-o pela sua lealdade ao Estado.

E o altivo africano contemplou com tão fria serenidade os indivíduos do Conselho, que estes sentiram que a confiança, uma confiança absoluta, voltava a renascer-lhes nos corações.

— Assim pois, perguntou o Doge ao mouro, partirás hoje mesmo para Chipre?

— Apenas o sol doure com os seus raios o extremo do mastro real do meu navio, a quilha deste rasgará as ondas orgulhosas do Adriático em direção à ilha, respondeu Otelo. Mas antes, Senhoria, ordena-me o coração e a lealdade responder às acusações deste velho e deixar terminado este assunto. Peço-vos que não me negueis o favor de me ouvirdes e de falar agora mesmo na causa que vou submeter ao vosso reto juízo, Senhoria; porque, apesar de tudo, poderia morrer na nova empresa que vou empreender e por cousa nenhuma do mundo quereria que pesasse sobre o meu nome a afronta que Brabâncio acaba de lançar sobre ele com as suas palavras, ante o Conselho...

—Fala pois, Otelo — disse o Doge, com deferência;— mas, como há pouco disseste, procura ser breve, o mais breve que te seja possível, porque não ignoras que o tempo urge e os momentos perdidos são preciosos.

— A brevidade convém a todos — disse o africano;— porém mais a mim do que a ninguém, porque dela depende o êxito do meu plano de batalha e da sorte da minha existência. Não receies pois, Senhoria, e escutem, ouçam-me todos, com os corações de homens e toda a consciência de magistrados, porque é a minha honra, a minha vida e a minha felicidade que jogo neste momento.

Calou-se o mouro e, durante alguns instantes, pareceu como abstraído em meditação dolorosa; depois, erguendo a altiva e bronzeada fronte com o gesto leonino que lhe era peculiar, olhou cara a cara para o Doge e para os indivíduos do Conselho com olhos nos quais se refletia toda a lealdade do seu grande caráter, e começou em voz grave e pausada, que condizia perfeitamente com a soberba majestade da atitude:

Barbâncio acusou-me ante vós, Senhoria, de que esta noite lhe raptei a filha para desonrá-la e desonrá-lo a ele e a toda a nobreza da República.

— E assim é; atreve-te a negá-lo! gritou fora de si o velho senador, a quem a recordação do rapto da filha despertara toda a cólera que, durante momentos, havia parecido abandoná-lo.

— Nego-o, porque não é verdade — respondeu friamente Otelo — Desdêmona deixou esta noite a casa de seu pai para seguir-me, para acompanhar seu

esposo, porque meia hora depois de ter pisado o tapete da minha gôndola, enlaçava-se com o meu o seu destino ante os altares.

— É mentira, uma infame mentira!— rugiu o velho — a minha filha não pode ser a esposa de um cão herege como tu!

— Tanto pode, que o é— afirmou categoricamente o mouro, sem perder nem por um momento o sangue frio. — Além disso, não casou com um herege, pois creio no Deus dos cristãos, porque é o Deus da mulher que adoro.

— Então é porque a enlouqueceste, porque a embruxaste com feitiçarias e artes mágicas!— exclamou Brabâncio no paroxismo da ira. D'outro modo, é admissível que uma donzela tão pura, tão formosa e delicada como Desdêmona, se enamorasse de um horrível negro como tu?

Desta vez as palavras do colérico velho feriram por certo alguma fibra sensível e deveras íntima do coração de Otelo, porque a cor bronzeada do mouro branqueou durante um segundo, e o general, erguendo mais ainda o alto e poderoso busto, murmurou com voz moderada, mas na qual, apesar de tudo, se sentia vibrar um furacão de sentimentos ignorados.

— Sempre a mesma frase! Um horrível negro! Como se há de enamorar uma virgem, bela e pura como Desdêmona, de um horrível monstro como Otelo! Ignoro, senhor— continuou o africano dirigindo-se desta vez ao senador,— se as mulheres veem mais longe e mais profundo do que os homens, mas para dita nossa e honra sua é preciso acreditar que sim, e que a vossa filha viu a minha alma. A minha alma, ouvem, senhores? que é a de um homem como vós, como a vossa, velho implacável, como a de todos os homens brancos enfim, e que ainda talvez valha mais do que a de muitos desses, porque está firmemente temperada na desventura e na luta pela existência.! Uma luta horrível, espantosa capaz de aniquilar, o melhor coração de toda a nobreza veneziana à qual— continuou com gesto de leão,— igualo, se não supero em raça, porque se ela nasceu em berço doirado, o brilho de uma coroa real iluminou meu nascimento. Sim, orgulhoso nobre; sou, quando menos, teu igual, porque descendo de reis, e sou teu superior em valor moral, porque estou purificado pela desgraça. Vencidos meus pais por um inimigo, não tão poderoso, porem mais astuto e mais cobarde do que eles, fui vendido com meus escravos, como um igual de tais miseráveis. Sim, o leão foi comprado revoltado e metido entre uma jaula de cães; mas a escravatura não se fez para os leões e eu fugi da minha jaula matando os guardas e correndo para o deserto, que era o meu ambiente natural. Ali lutei com as feras para disputar-lhes o alimento, e digo-te sinceramente que elas são mais leais e mais nobres na luta do que a maioria dos homens com quem tenho deparado antes e depois de vencê-las. Mais tarde, farto da solidão, fui de povo em povo, de nação em nação, e desde o estreito de

Gibraltar até ao dos Dardanelos, reguei o caminho com sangue de cobardes e lágrimas de corações agradecidos. Quando, por último, o Destino me trouxe para entre os vossos, a República tremia como presa prestes a ser devorada pelo turco, pelo genovês, pelo florentino, pelo romano, por todos os seus inimigos, enfim. E eu firmei-a; derrotei aqueles que queriam a sua queda para a fazerem em pedaços, dei estabilidade à República vacilante, e a minha mão acostumada a apertar sem tremer a garganta dos tigres, cravou no ponto, mais alto da Europa a bandeira de Veneza.

“Que sangue haverá, pois, na cidade de S. Marcos que possa envergonhar-se de se misturar com o meu?”

Calou-se o mouro por um momento, e por toda a sala pareceu vibrar a sua potente voz. Otelo continuou, sempre dirigindo-se a Brabâncio:

—Tua filha sabia tudo isto, sim, sabia-o, porque eu próprio lho havia contado; conhece a minha história, leu em meus olhos e bebeu nas minhas palavras a formidável e sangrenta epopeia da minha vida; viu-me tal qual sou, e não como me veem os outros, como tu me vês, cego pela ira, e, em vez de achar em mim o monstro a que te referes, viu apenas o homem de coração, que sabe triunfar do Destino e dos homens, e começou por admirar-me, como um ser que valia mais do que todos os fátuos inúteis e vadios que a rodeavam; para concluir, amou-me com o mesmo amor profundo e infinito com que eu a amo. Este é todo o nosso crime, e por ele peço que nos julguem— terminou dizendo, dirigindo-se ao Doge e aos membros do Conselho.

—Tudo quanto disseste nada é mais do que palavras e só palavras!— gritou Brabâncio desesperado, pois temia que o prestígio que rodeava Otelo inclinasse em seu favor os que tinham de o julgar. — “Os fatos falarão mais alto do que tudo quanto possas dizer em teu abono! Minha filha! Confessa onde ocultaste Desdêmona! Minha filha que compareça ante vós, senhores, e ela desmentirá essa ridícula novela que acaba de contar-vos este homem, para disfarçar o indigno recurso de que se valeu para desvairar o cérebro e anular a vontade de uma virgem pura e inocente como a própria inocência!”

— É justo — assentiu o Doge, dirigindo-se a Otelo. —a tua causa está bem apresentada e melhor defendida por ti mesmo; mas para tratarmos dela equitativamente, é necessário ouvir as duas partes. Diz, pois, onde se encontra Desdêmona, e nós a faremos comparecer sem perda de tempo para deixar ultimado este assunto. Porque urge aclará-lo até ao fim; se és realmente, como julgamos, digno da confiança que em ti deposita a República, ao enviar-te hoje de novo a defendê-la contra os seus inimigos, ou se terá razão o senador em te acusar com a aspereza com que acaba de fazê-lo; em tal caso, as leis do estado,

que podem alcançar a minha própria senhoria, haviam de alcançar-te também, fatal e necessariamente. Responde, general, onde está Desdêmona?

— A dois passos daqui, e nada mais fácil, para vós, de que mandá-la comparecer aqui e ouvirdes de seus lábios as palavras que hão de perder-me ou salvar-me, visto que dais mais valor ao testemunho de uma mulher do que ao juramento de um homem— respondeu Otelo num tom de sentida amargura.

— Como!— exclamou o Doge tão surpreendido como todos os circunstantes, e sem prestar atenção na maneira como o mouro pronunciara as últimas palavras.

— Dizes que está aqui Desdêmona?

— Sim— respondeu o general— disse.

— Suponho — replicou gravemente o Doge,— que não ignoras que o sítio em que te encontras é o menos a propósito para gracejos?

— Não gracejo nunca — respondeu com certo desdém Otelo — Quando me dispus a seguir os indivíduos que me enviaste, e depois de ter ouvido Brabâncio insultar-me e ameaçar-me com pedir-vos justiça contra mim esta mesma noite, considerei, como era lógico, que necessitaria apresentar a melhor e a única testemunha de confiança que pode falar em meu favor. Por conseguinte, pedi ao meu tenente Cássio que fosse onde estava Desdêmona e lhe rogasse em meu nome que o acompanhasse aqui, dizendo-lhe do que se tratava. Ora bem; como estou convencido de que Cássio terá cumprido as minhas ordens, pois é fiel e amigo até à morte, e jamais desobedeceu a quem serve, respondo como já disse, que bastará que mandeis chamar Desdêmona para que esta compareça ante o Conselho.

Com efeito, apenas o Doge deu a um porteiro ordem de que mandasse entrar na sala a filha do senador Brabâncio, esta apareceu vestida de branco, com o traje de noiva que talvez não tivesse tido tempo ainda de tirar. Surgiu belíssima na sua palidez, e serena e firme como estátua de Diana.

Brabâncio e todos os circunstantes, excetuando Otelo, soltaram uma exclamação de surpresa e assombro, ao vê-la aparecer como visão celestial, e o Doge disse-lhe com voz afetuosa:

— Aproxima-te, preciosa Desdêmona, e nada receis, porque a lei e o cavalheirismo te protegem!

A jovem aproximou-se com passo certo e firme da mesa do Conselho, sem parecer fixar a atenção em Otelo nem no próprio pai, e parando a respeitosa distância dos juízes, perguntou:

— Que deseja sua Senhoria de mim?

— Que respostas, sob juramento, às perguntas que vou fazer-te, sem que o medo ou o peso, nem nenhuma outra consideração humana, te façam ocultar a verdade. Compreendeste?

— Perfeitamente — respondeu com sangue frio Desdêmona — Devo advertir-vos, Senhoria, de que não tenho de que recear, e menos de que me envergonhar, e que os meus lábios jamais se mancharam com a mentira.

— Acredito e aplaudo-te com toda a minha alma — disse o Doge com benevolência — Agora, responde: conheces esse homem que está a tua direita?— e apontou, indicando Otelo.

— Sim, Senhoria, conhece-o e amo-o, porque é meu esposo ante Deus e ante os homens, há três horas; juro-o por Cristo crucificado, assim como juro que esta noite, por minha própria vontade e sem que ninguém me compelissem nem sequer aconselhasse, abandonei a casa de meu pai para o seguir.

— Mentira! gritou o velho senador desvairado pela cólera — Essa mulher está louca, completamente louca! Se assim não fosse, nunca se atreveria a dizer, diante de mim, seu pai, semelhantes vergonhas.

— Não são vergonhas, pai e senhor meu— replicou respeitosa mas firmemente a jovem;— mas simples verdades: deixei a casa paterna para seguir meu marido, como, há muitos anos, tu abandonaste aquela que era tua para seguir tua mulher.

— Maldita, maldita sejas, filha desalmada e sem coração! Aborreço-te e amaldiçoo-te, e nunca mais tornarás a ver teu pai! Juro-o pelos santos Evangelhos e pela fidalguia da minha raça. Adeus para sempre, e que a minha maldição te persiga por toda a parte!

E completamente transtornado pela desesperação e pela ira que o sufocava, o implacável velho abandonou, tremendo e cambaleando, a sala do conselho.

— Não chores, preciosa Desdêmona, disse o Doge afetuosamente à jovem, ao vê-la enxugar as lágrimas que lhe inundavam as faces nacaradas. — A cólera de teu pai, ainda que injusta até certo ponto, é no entanto explicável.

“Mas espero que tão depressa recobre a tranquilidade e o sangue frio, refletirá e conquistarás de novo todo o seu carinho. No entanto, continuou dirigindo-se a Otelo, devolvo-te a estima e a confiança que sempre tive no teu valor e na tua bem provada lealdade. Damos, pois, por terminado este enfadonho assunto, e dispõe-te a empreender viagem sem perda de tempo.

— Viagem! exclamou Desdêmona estupefata. Como, Senhora! Ides afastar assim de mim, tão de repente, o meu esposo, deixando-me na solidão e no abandono mais desconsoladores?

— Assim é necessário, linda Desdêmona! respondeu o Doge num tom compassivo. Crê que o lamento com toda a minha alma, mas exige-o a salvação e a honra da República.

— E onde o mandais? perguntou a triste desposada com a maior amargura.

— A Chipre, que está ameaçada pelos turcos, e onde faz falta a presença do general mais hábil e valente que tem o estado, disse o Doge.

— Pois bem, respondeu a jovem num tom de resolução inquebrantável— irei também com ele a Chipre. Não diz o Apostolo que a mulher deve seguir o marido? Pois eu oponho-me com toda a minha alma a separar-me daquele que a Providência colocou no meu caminho.

— Mas, e os perigos a que te vais expor, indo na sua companhia? observou o Doge.

— Não me importam. Segui-lo-ia, embora soubesse que caminhava para a morte, respondeu a corajosa jovem.

O Doge consultou Otelo com o olhar, e este sentindo-se tacitamente apoiado pela poderosa Senhora, atreveu-se a dizer:

— Realmente, não vejo inconveniente em que minha esposa me siga, visto não recear os perigos que vamos correr juntos. Por outro lado, a mulher de um guerreiro deve ser animosa, e além disto a sua presença, longe de diminuir ou quebrantar o meu valor ou os meus talentos militares, multiplicá-los-á até o infinito. Por consequência, se sua Senhora e o sábio e prudente Conselho não se opõem a tal resolução, levarei minha esposa comigo à ilha de Chipre, para onde partirei daqui a uma hora. Mas, prosseguiu, olhando para Desdêmona, para poupar os riscos da viagem, peço ao Conselho que me autorize a levar comigo todos os oficiais que me são dedicados e que estão acostumados a combater sob as minhas ordens. De este modo, se morrer em qualquer recontro com os turcos durante a expedição, sei que o meu tenente Cássio e o meu alferes Iago, que são meus irmãos de armas, velarão por minha mulher, como faria sua própria mãe.

Assim ficou combinado e, passada uma hora, Otelo e Desdêmona, com os oficiais favoritos do general, embarcaram em direção à ilha de Chipre.

O que todos ignoravam a bordo, excetuando o alferes Iago, que nem o confessou à própria mulher, Emília, aia de Desdêmona, era que, no mesmo navio que albergava os dois felizes esposos, ia também o nobre Rodrigo, sobrinho de Brabâncio e primo de Desdêmona, da qual estava loucamente apaixonado, e a cuja posse não renunciava, apesar de Iago lhe haver dado a notícia de que naquela madrugada se realizara o matrimônio da jovem.

Mas o alferes de Otelo, dotado do maior cinismo, constando que o seu nobre amigo se desesperava, renunciando para sempre ao objeto da sua paixão ao contemplá-lo nos braços de outro, riu-se dele e quase o obrigou a que o acompanhasse a Chipre, disfarçado de marinheiro, prometendo-lhe que, se, como havia dito antes, não lhe desobedecesse em coisa alguma, e muito menos lhe negasse o ouro que corrompe todas as consciências, arranjaria tudo de forma a num prazo curto, que nunca excederia um mês, a cândida e inocente prima cairia, louca de amor, nos braços do apaixonado primo.

Mas, o que pretendia o miserável com tudo isto, era, somente, enriquecer à custa das joias e do dinheiro de que havia obrigado a prover o ingênuo Rodrigo, e ter este como uma corda mais no arco, para quando chegasse o momento de disparar a envenenada flecha destinada a despedaçar o coração do homem generoso que o acolhera sob a sua proteção e lhe dera a sua amizade e o seu carinho, bem longe de supor que abrigava no seio a víbora, que depois havia de causar-lhe a morte com a mordedura venenosa.

Mas não nos adiantemos aos acontecimentos, e sigamos passo a passo o curso da terrível tragédia que chegou a immortalizar a perfídia de um invejoso e os ciúmes de um amante, cujo único crime consistiu em ser propenso às paixões, e dispor de tempera superior àquela em que está forjada a vulgaridade dos homens.

III - EM CHIPRE

Duas outras galeras com um bom número de soldados e infinidade de apetrechos de guerra, acompanhavam a capitânia que levava a insígnia de Otelo, e na qual este ia com Desdêmona, os oficiais e o sobrinho de Brabâncio, disfarçado de marujo.

Com estes três barcos, somente, contava o general africano defrontar a poderosa esquadra turca, no caso de dar-se um recontro mais do que provável, visto que os otomanos, a avaliar pelas últimas notícias recebidas no momento do embarque, deviam já navegar nas águas de Chipre.

Mas o heroísmo e o talento militar de Otelo supriam tudo, e as tripulações dos três navios confiavam tão cegamente no chefe, que quase desejavam esse recontro em vez de o recear.

Não obstante, a situação agravou-se ao terceiro dia de viagem, até tornar-se desesperada, pois que furiosa tempestade fez soçobrar as duas galeras que acompanhavam a capitânia, e tais destroços causou nesta, que, deixando-a rasa como um pontão e pouco menos do que sem governo, pois o leme sofreu também graves avarias e as obras mortas ficaram feitas em pedaços, converteu-a em débil juguete das encrespadas e gigantescas ondas, que a faziam dançar sobre as espumosas cristas como frágil casca de nós.

Ninguém, no entanto, perdeu a coragem durante aquele calamitoso transe, apesar de todos estarem firmemente convencidos de que soara para eles a última hora. Era que o exemplo de coragem e sangue frio de Otelo e sobretudo de Desdêmona, que não se apartou do esposo um só momento durante o perigo, seguindo-o por toda a parte com o sorriso nos lábios e resolvida a morrer com ele, comunicara-se a todos, e ninguém, ainda que a sentisse, queria dar provas de fraqueza, ali onde uma mulher era a primeira a fazer gala do mais extraordinário heroísmo.

Mas, por último, no dia seguinte, e depois da noite verdadeiramente horrorosa aquietaram-se os elementos, o furacão diminuiu a fúria e foi pouco a pouco acalmando até converter-se em brisa suave e acariciadora. O mar, que durante vinte horas mortais parecera um Leviatã furioso, transformou-se, por fim, em lago tranquilo.

Os afortunados viajantes, salvos por verdadeiro milagre, não tardaram em encontrar, junto da dismantelada embarcação, terríveis e numerosos indícios dos destroços que havia causado em tais paragens a formidável tormenta.

Uma coisa, não obstante, feriu a viva imaginação de Otelo. Estranhou ver a excessiva abundância de cadáveres, restos de navios feitos em pedaços e destroços de toda a espécie que flutuavam sobre as ondas.

Chegou um momento em que a ideia desses despojos o atormentara de tal modo, que teve necessidade de comunicá-la a alguém, pois queria a todo o transe ouvir, a tal respeito, outra opinião.

Chamou por isto o tenente Cássio e o alferes Iago, e sentando-se com eles na tolda do navio, disse-lhes, mostrando o mar, que cada vez aparecia mais juncado de cadáveres:

— Que me dizeis disto? Certo deve ter sucedido grande catástrofe, pois de outro modo não se explica que haja tantas vítimas e tantos restos de navios destroçados. Que opinião é a vossa?

— Se fosse a esquadra turca?— atreveu-se a insinuar o tenente Cássio olhando para o chefe, em cujos olhos surpreendeu um relâmpago de alegria, ao ver que encontrava alguém, e nada menos do que um homem ponderado, que pensava como ele.

— Netuno foi tão propício durante a vossa viagem, general, disse por sua vez lago com servil adulação, que não admiraria nada que levasse a proteção que vos dispensou até ao extremo de livrar-vos sem combate dos vossos inimigos.

—De qualquer maneira, respondeu Otelo, sorrindo afavelmente ao alferes, seja ou não a Providência que nos auxiliou, é indubitável que não podemos queixar-nos da sorte, e que esta coroaria dignamente a sua obra e, ao chegar a Chipre, encontrássemos comprovada a opinião do tenente Cássio que, seja dito com franqueza, foi também a minha.

Não tiveram de esperar pela chegada a Chipre para saberem da destruição da esquadra turca, de modo inegável.

Naquele mesmo dia encontraram uma lancha tripulada por seis náufragos, todos soldados otomanos, os quais, depois de serem recolhidos no navio e tratados com todos os cuidados e atenções que a sua lamentável situação exigia, agradecidos à generosidade que Otelo usava para com eles, lhe contaram minuciosamente todos os detalhes da espantosa catástrofe, na qual desaparecera toda a esquadra, excetuando duas embarcações que, partidas e sem leme, acabaram por perder-se no horizonte à vista dos náufragos, sem que pudessem dizer o que fora delas; mas a julgar pelo deplorável estado em que as havia posto a tempestade, era mais do que provável que houvessem acabado por ser também tragadas pelo Oceano.

Julgue-se, pois, a impressão que tão faustas notícias fariam nos ditos viajantes, que viam desaparecer num minuto os perigos que ameaçavam a República de Veneza, para eles mil vezes mais temíveis e angustiosos, pois lhes tinham ameaçado até então a própria vida.

Quando por fim a desarvorada galera capitânia fez a sua entrada triunfal no belíssimo porto da ilha de Chipre, onde já era também conhecida a destruição da esquadra turca, o regozijo e a alegria não tiveram limites; Otelo e Desdêmona foram recebidos com o fervente entusiasmo que só se tributa aos heróis, e toda a população distinta da ilha, com o governador Montano à frente,

correu a visitá-los ao palácio em que se haviam instalado, para tributar-lhes sincera e franca homenagem de admiração e de estima.

Otelo, pela sua parte, ao assumir, naquela mesma tarde, o comando supremo de Chipre, decretou em nome da República veneziana festas gerais durante todo o resto do dia e até à meia noite, para que o povo celebrasse, cada qual consoante a sua vontade e gosto, o ter-se livrado, tão feliz como inopinadamente, do terrível e feroz inimigo que pretendia apoderar-se da ilha.

Em seguida, e apenas anoiteceu, retirou-se para o Palácio em companhia de Desdêmona, pedindo a Montano para ainda fazer as suas vezes durante a noite, pois além de estar fatigado, devido à acidentada viagem, era essa também a primeira noite em que, desde que se unira a Desdêmona, podia encontrar-se a sós e tranquilo com a formosa e virginal esposa.

Montano, como pode supor-se, acedeu prontamente ao desejo do general governador de Chipre, oferecendo-lhe cumprir o seu encargo de vigiar cuidadosamente os guardas durante a noite, tanto para acudir às desordens e escândalos resultantes de todas as festas populares, como para não abandonar a vigilância do porto que, não obstante o desastre casual sofrido pelos turcos, era presa demasiado cobiçada por eles para se descurar, um momento que fosse, observando com semelhante prevenção o famoso e prudente provérbio latino *si vis pacem, para belum*, que deve ser sempre a divisa de todo o bom militar.

Caiu a noite sobre Chipre com os melhores auspícios e em meio da alegria de todos os seus habitantes que, já livres das tristes preocupações que os haviam atormentado até ali se entregaram inteiramente ao gozo das festas que haviam organizado.

Ao dizermos todos os habitantes, devemos descontar dois muito nossos conhecidos, que já não participavam do regozijo comum, e recolhidos num ângulo do edifício que servia de quartel à guarda encarregada da vigilância do porto, conversavam animadamente e em voz baixa de assunto que, a julgar pelo aspeto e gestos de ambos os interlocutores, devia ser de grande interesse para eles.

Estes dois personagens eram Iago, o alferes de Otelo e o seu nobre companheiro Rodrigo, sobrinho de Brabâncio e desprezado amante de Desdêmona, o qual não deixara ainda o disfarce de marinheiro, por assim o ter aconselhado o amigo, como medida de prudência.

O diálogo que segue porá os nossos leitores ao corrente do assunto que tratavam, e que, como já terão adivinhado, não era outro senão o dos desditosos amores da ingênua vítima do alferes.

— A avaliar por quanto pude ver desde que saí de Veneza, dizia Rodrigo ao companheiro, asseguro-te que, se não fores o próprio diabo em pessoa, te será difícil que eu consiga o amor da minha bela prima, que dia a dia me parece mais enamorada do horroroso marido.

— Trouxeste contigo todas as joias e quanto dinheiro pudeste reunir, segundo prometeste? perguntou tranquilamente Iago, sem dar a menor atenção às palavras do amigo.

— Nas minhas malas tenho todas as alfaias de família, que valem para cima de dez mil escudos de ouro, e quase outro tanto em moedas novas venezianas e genovezas, respondeu Rodrigo.

— Com menos de metade se comprava, seduzia e conquistava uma rainha, ainda que abrigasse no seio um coração mais duro que as afiadas garras do leão de S. Marcos, disse o alferes em cujos olhos brilhou um clarão de cobiça, ao ouvir as palavras do companheiro.

— Não proponho comprar Desdêmona, replicou este, por duas razões: a primeira porque a conheço bem e estou certo que não é mulher que se venda; e a segunda porque receberia um amor que se daria por dinheiro e não por natural correspondência à paixão que inspira a mulher amada.

— Ta! ta! ta! cantarolou cinicamente Iago, tudo isso são cantatas, boas, quando muito, para servir de assunto a rimances cantados por trovadores, depois de opípara ceia em noite de festa. A tua bela prima é como todas as mulheres, e todas as mulheres são como as andorinhas. Namoram-se de tudo quanto brilha; por isso tua prima se enamorou de Otelo, porque a seus olhos brilhou mais do que todos os nobres venezianos, devido ao inegável esplendor das suas maravilhosas proezas.

— Que devo então fazer? perguntou Rodrigo, contemplando Iago com irritação não isenta de espanto. Não me asseguraste que Desdêmona está enamorada do marido?

— Nem mais, nem menos, respondeu fleumaticamente Iago. Mas, por dizer-te que está enamorada, não significa semelhante afirmação que o esteja sempre. O amor de tua prima, nobre Rodrigo, crê piamente no que digo, pois sou homem de experiência, não é amor verdadeiro, mas fictício; o que poderíamos chamar amor de imaginação.

- Como! exclamou, cada vez mais surpreendido, o jovem veneziano.
- O que acabo de proferir, continuou o alferes, é precisamente a frase aproximada e perdoa que me gabe ao dizer-te que muito feliz fui em a ter encontrado: um amor de imaginação. O brilho que vê em Otelo, e que a deslumbrou, não é outra coisa senão o que se vê nos heróis dos romances, que é precisamente como se apresenta o marido aos olhos de Desdêmona. Ela vê o herói, sempre o herói. Pergunta-lhe pelo homem, e não saberá responder-te.
- Por quê? perguntou Rodrigo, verdadeiramente interessado.
- Simplesmente porque o homem não existe para ela nem, felizmente para o que respeita a Otelo, se preocupa de procurá-lo; no dia em que tal faça, o marido está perdido e o mesmo será no dia em que o encontre.
- Não te compreendo, interrompeu o jovem veneziano, que, como todos os seus iguais dessa época, estava pouco habituado a torturar o cérebro, sentia enorme confusão perante semelhante imbróglio para ele ininteligível.
- Porque não queres compreender-me, replicou Iago com a mesma tranquilidade do gato que brinca com o rato. E se não, continuou dizendo, ouve-me atentamente e verás como te explico tudo, em quatro palavras, verás como entendes: tua prima é mulher, não é verdade?
- Essa é de cabo de esquadra! exclamou irritado Rodrigo. Pois que outra coisa poderia ser?
- Não te abespines, homem, não te abespines! De vagar se vai ao longe e não tardarei em chegar onde quero, disse o alferes que, semelhante nisto a todos os miseráveis, se comprazia em atormentar a vítima. Responde: é mulher ou não?
- Quem dúvida?
- Ninguém, por certo. Ora como mulher, necessitará de um homem que lhe satisfaça as exigências do organismo; um homem que ame fisicamente, entendes-me agora, alma de cântaro? *fisicamente*, porque o amor *físico* é o único que pode convir à vida de uma mulher, quando as paixões imaginativas e novelescas, como a agora experimentada por ela, se evaporam e fogem ante a fortaleza brutal dos gritos da carne.
- Bem, de acordo, respondeu Rodrigo que ia começando a compreender o companheiro. — Mas aonde queres tu ir parar com todas essas filosofias?

— Simplesmente a uma conclusão que não admite dúvidas: tua prima está hoje satisfeita e enamorada porque não vê mais do que o lado poético do marido, e ainda não se fixou na cara, linguagem, gestos, e no mais que nele existe de tosco, de selvagem e de brutal. Mas como o seu amor não pode alimentar-se de sonhos, e um beijo dado por uns lábios úmidos e vermelhos vale mais para uma mulher do que toda a poesia do mundo, no dia em que esse tigre africano despertar torpemente a carne da mulher, o que neste momento está fazendo, asseguro-te que, ou não há senso comum sobre a terra, ou apenas Desdêmona se inteire do que então ignorava, quer dizer, de que tem sexo, o negro estará perdido para ela, completa e irremediavelmente perdido. Talvez, nas suas horas de tédio, o recorde e até careça dele, como se recorda e se carece, em determinados momentos, de uma história interessante ou de um fragmento de poema; mas, durante os parêntesis da realidade, que são os maiores da vida, precisamos todos, e ela também, coisa mais substanciosa e mais prática: o gastrônomo, carne fresca e apetitosa que desfaça nos dentes; e o amante, carne mais fresca e mais apetitosa que lhe palpita nos braços! Já vêes que neste pobre mundo tudo é questão de carne, meu caro amigo! Ah! ah! ah!

E, ao dizer estas palavras o miserável soltou uma gargalhada cínica e estrepitosa, gozando em desfolhar, uma a uma, as poucas flores da ilusão que ainda vicejavam no coração de Rodrigo.

— Assim, pois, continuou dizendo quando acabou de rir, confia em mim e não tortures a cabeça com suplícios inúteis.

“A noiva de Otelo será tua, porque assim jurei e não falto nunca aos meus juramentos, disse com um sorriso de escárnio quase imperceptível. E prosseguiu ato contínuo:

“Apenas terás de me ir entregando joias e dinheiro, à medida que eu vá pedindo, para cativar com elas o coração de minha mulher, que é o anjo da guarda do Paraíso, e seduzir também a coração de Desdêmona. Já vêes que sou imparcial na minha opinião com respeito a mulheres, terminou o miserável, pois que não sendo a minha das piores, não lhe dou mais valor do que positivamente tem.

— E julgas, realmente, que Desdêmona se deixará cativar por fim, com dádivas e presentes? perguntou o infeliz apaixonado, cuja certeza a respeito da virtude da prima começava a fraquejar, combatida simultaneamente pelos próprios desejos e pelas pérfidas Teorias do ruim amigo.

—Dá tempo ao tempo e depois te convencerás do que digo, prosseguiu logo com a firmeza de quem tem certo o triunfo.

“Dá-me tudo o que te pedir e deixa o resto por minha conta. Não te preocupes mais com tal assunto e presta atenção, e ao dizer estas palavras baixou a voz e adotou uma atitude misteriosa; há outra coisa e outra pessoa que constituem um grande perigo para os teus amores.

— Que queres dizer?— perguntou Rodrigo sobressaltado.

“Explica-te mais claramente porque os teus enigmas apenas servem para me atormentar.

— Não tens reparado na assiduidade com que o tenente Cássio segue para toda a parte Desdêmona, e na singular preferência que esta lhe dispensa constantemente, mesmo na presença do esposo?

— É certo! exclamou Rodrigo empalidecendo; até agora ainda não tinha dado importância a semelhantes detalhes; mas acabas de abrir-me os olhos, e não há dúvida que tens razão de sobra para assim falares. Que infame! acabará, talvez, por entender-se com Cássio, procurando nele o homem a que há pouco te referias? Se assim for, posso perder as últimas esperanças, pois o meu amor não se verá jamais correspondido!

— Enganas-te, porque estou eu aqui para o evitar respondeu Iago, fingindo carinho afetuoso. — Tenho o meu plano. Esta noite preciso que me ajudes, para varrer esse empecilho, de forma que não torne a molestar-nos em vida.

— Como?— perguntou Rodrigo.

— É muito simples; primeiro que tudo, é preciso fazer que Cássio, perca a estima de que desfruta junto de Otelo, e que este o demita do seu posto de tenente, para dar-m'o. Deste modo, afastado para sempre do general, não terá pretexto para aproximar-se de Desdêmona e todas as suas seduções e artifícios resultarão completamente inúteis. Entretanto eu, investido nas funções do meu novo cargo, poderei converter-me em sombra do mouro e, por conseguinte, de tua prima, e não me parece necessário encarecer as vantagens que poderás tirar disto para os teus amores.

— É certo!— exclamou o moço veneziano, contemplando com admiração e gratidão o amigo — Mas como te vais arranjar para levar a cabo o teu plano e em que poderei auxiliar-te?

—Da maneira seguinte: daqui a uma hora, pouco mais ou menos, vou cear em companhia de Montano e de Cássio no quartel que existe neste mesmo edifício. O tenente é tão mau bebedor que não pode resistir a um só copo do riquíssimo vinho desta ilha. Ora bem; hei de fazer o possível para que beba dois ou três, o que bastará para o embriagar como a qualquer mendigo e, em seguida, busca

sair-lhe ao caminho e, sem o provocar, farás que te dirija algum insulto, cousa que não será difícil, porque quando está bêbedo, é agressivo. Replicar-lhe-ás ato contínuo e continuarás discutindo até conseguires que te bata. Como farás tudo isto, procurando não te afastares do quartel, onde se efetuará a ceia, gritarás de modo que Montano e eu possamos ouvir-te. Então acudiremos ambos, eu ocupar-me-ei de ti, e deixaremos que os dois se entendam, na certeza de que Cássio, homem sereno e senhor de si quando está no estado normal, é endiabradamente provocador e insultante quando se embriaga, o que lhe sucede poucas vezes na vida, e não deixará de puxar pela espada para responder com ela às amigáveis indicações que lhe dirija Montano; fará sangue, certamente, e então entrarei eu em cena para armar tal escândalo, que Otelo terá de inteirar-se necessariamente do caso. Ora bem; como não transigiria nem com o próprio filho em pontos de disciplina, surpreenderá Cássio em falta grave, precisamente no momento de guarda, e afirmo-te que o teu provável rival não tornará a pôr no peito a divisa de tenente, que passará a ser minha, e que, a partir desta noite, poderás viver completamente tranquilo.

— E estás bem seguro do teu plano?— perguntou Rodrigo ao alferes, quando este acabou de narrar o infame projeto, que o jovem veneziano escutara com profunda atenção.

— Certíssimo — respondeu Iago — só preciso que prestes o serviço que te peço.

— Conta comigo — Prometeu o sobrinho de Brabâncio, decidido a tudo para conseguir o amor de Desdêmona.

— Então, mãos à obra — respondeu o alferes levantando-se e apertando a mão do companheiro. — Neste mesmo sítio estás perfeitamente para fazeres quanto te indiquei, porque Cássio sairá por aquela porta — apontou, indicando uma que havia a poucos metros de distância. — Espera-o aqui, executa fielmente as minhas instruções, e não duvides de que o triunfo será nosso.

E, ato contínuo, o miserável despediu-se do ingênuo Rodrigo e correu a pôr em prática o diabólico plano que concebera, não para ajudar o companheiro nos seus amores, como prometera, mas para perder um inocente a quem invejava, e suplantá-lo no posto e no afeto de Otelo.

Duas horas depois, o sino de alarme tocava desabaladamente no quartel situado junto da doca do porto, pondo em alvoroço toda a ilha, que começava a entregar-se ao sono passada a agitação da festa, e obrigando a saltar do leito, em sobressalto, o próprio Otelo, que repousava docemente entre os belíssimos braços de Desdêmona.

IV - O TRAIADOR

A minuciosa exposição que Iago fizera a Rodrigo do plano que tinha em mente, bastaria para que os nossos leitores tivessem notícia exata de quanto havia sucedido durante as duas horas que passaram desde a separação dos dois amigos até o momento em que o inesperado toque do sino de alarme levou a inquietação e o desassossego a todos os habitantes de Chipre, incluindo neste número o próprio Otelo.

Mas, se, para maior clareza da narração é imprescindível por um lado conhecer a descrição pormenorizada do sucedido e assim chegar ao desenlace desta trágica história sem uma solução de continuidade que prejudicaria notavelmente a compreensão dos fatos; pelo outro, seria impossível, omitindo tal narração, seguir passo a passo as interessantes e acidentadas peripécias do complicado drama cuja base principal assenta na ambição e na inveja de uma alma perversa, nascida para a infâmia e para o crime.

Assim, sigamos Iago no momento em que, ao separar-se do primo de Desdêmona, entrou no quartel onde, à entrada, o estavam esperando para a ceia o tenente Cássio e o nobre Montano, governador da ilha de Chipre e representante da República Veneziana, na ausência de Otelo.

— Boa noite, prudente Cássio; saúde e prosperidade, ilustre Montano, cumprimentou o alferes ao entrar, dirigindo-se aos companheiros e superiores.

— Graças a Deus que vieste; julgávamos que tivesses esquecido que te esperávamos! exclamou Cássio ao ver entrar o amigo.

— Pelo que prevejo, interrompeu Montano esboçando um sorriso malicioso, este bom Iago, apesar de ter uma esposa deveras formosa, não faz má cara às mulheres do próximo, especialmente quando são jovens lindas; e como abundam em Chipre as que reúnem estas duas qualidades, graças sejam dadas ao Amor e a Vênus, certamente se atrasou, dando uma volta pelas ruas da ilha, com o perverso propósito de render alguns corações mais do seu gosto.

— Acertaria no alvo o vosso gracejo, se visásseis o nosso tenente, que tem, na verdade, fama de irresistível com as belas, replicou Iago esboçando um sorriso intencionado, de que só ele percebeu a transcendência. Quanto a mim detesto as saias, por instinto de conservação, e não trocava uma só garrafa de bom vinho de Chipre por todas as mulheres casadas, viúvas ou solteiras, que vivem na ilha.

— Parece-me, Iago, observou Cássio afetuosamente, que acabas de fazer duas afirmações duplamente exageradas: uma, aquela em que aludes à minha boa estrela junto das belas, que seja dito de passagem, só existe na tua imaginação,

pois confesso-te que, até agora, não tenho na minha folha de serviços uma só conquista que valha referência.

— Nunca é tarde quando a sorte nos sorri, replicou astutamente Iago.

“Ha quem assegure que estás a caminho de entrar por assalto numa praça que mais de um nobre veneziano, teu compatriota, invejaria.

— Não te compreendo, respondeu Cássio com estupefação tão profunda como sincera retratada no semblante.

— Saibamos, saibamos que praça é essa e veremos se é digna de disputá-la o belo Cássio! exclamou alegremente Montano.

— Se ele guarda segredo, não sou eu que tenho o direito de desvendá-lo, disse hipocritamente o alferes.

— Guardo segredo porque não sei a que aventura te referes, respondeu Cássio de boa fé. Explica-te, peço, porque conseguiste intrigar-me.

— Modéstia, pura modéstia, discrição levada até à mudez! disse rindo o alferes. Cássio, felicito-te porque és um cavaleiro digno de ter vivido nos bons tempos do rei Arthur. Mas, continuou, dando deliberadamente outro rumo à intencional charada, cada vez me convenço mais de que o mundo está cheio de paradoxos e nós próprios o somos.

— Por quê? perguntou Montano com estranheza.

— Nada mais simples, respondeu Iago. Vocês esperavam-me com impaciência, o que evidentemente acusa um apetite devorador; por minha parte também declaro que não vinha menos resolvido a entender-me com uma boa ceia. Pois bem, em vez de aproveitarmos o tempo predispondo o estômago com meia dúzia dessas veneráveis garrafas que nos escutam, para entrarmos depois heroicamente pelos manjares, estamo-lo perdendo lastimosamente, falando de mulheres, isto é, do assunto menos substancial e mais perigoso que pode tratar-se entre cavaleiros.

— Indubitavelmente esta noite estás pouco amável e galanteador para as damas, valente Iago, respondeu Montano rindo.

— Nem mais nem menos do que n'outras ocasiões e nem menos nem mais do que o merecem, disse Iago.

E passando em revista meticulosa as garrafas poeirentas que se viam sobre a mesa artisticamente posta, pegou numa de respeitável antiguidade, a julgar

pelo aspeto e pela marca que ostentava na rolha, abriu-a e encheu de riquíssimo e perfumado vinho os copos dos companheiros e o dele. Seguidamente e sem dizer palavra, bebeu-o de um trago e fez estalar a língua com a plácida expressão de um bebedor satisfeito.

Montano fez com o copo o mesmo que Iago fizera com o dele; mas o tenente Cássio contentou-se com levá-lo aos lábios e umedecê-los ligeiramente com o dourado néctar.

— Como! exclamou Iago aparentando indignação e assombro ao ver que o seu amigo voltava a por sobre a mesa o copo tão cheio como o levantara. Não bebes conosco, ou não aprecias este vinho, herdeiro direto da sagrada ambrosia com que Júpiter obsequiava de vez em quando os seus amigos do Olimpo? Ignoras, por ventura, desgraçado, que o vinho de Chipre foi consagrado pela história, através dos séculos, até que vencendo o seu rival Falerno, teve a honra de toldar com frequência o cérebro de Alexandre, de produzir as gloriosas alegrias de Alcibíades, de servir de veículo para o veneno que matou Britânico e de inspirar os versos de Nero e os pontapés que o imperial artista dava em Popeia para a expulsar dos festins, quando o estorvava nos seus desabafos amorosos com os mancebos romanos? Ignoravas isto, infeliz? Pois bem, é um pecado de lesa ignorância, indesculpável num homem ponderado como tu; mas, apesar de tudo, Montano e eu perdoamos-te com a melhor vontade do mundo, dado que honres o histórico vinho como nós o honramos.

— Nunca bebo! respondeu gravemente Cássio.

— Por quê? perguntou com curiosidade Montano. É talvez algum juramento?

— Não, respondeu o tenente; a minha repugnância em beber obedece somente a que o vinho me ataca de tal modo a cabeça, que basta um copo para transtornar-me por completo e fazer de mim um homem absolutamente diverso de que sou no estado normal.

— Mas ceando, aventurou Iago, é outra coisa, e afirmo que não te sucederá mal algum. Além disso, prosseguiu alegremente para animar o companheiro, estás entre amigos e, se a bebedeira te der para dormir, mandar-te-emos deitar num fôfo e confortável leito, ou então rir-nos-emos se te der para nos insultar.

— Um homem embriagado é um ente desprezível, e por cousa alguma deste mundo consentiria em chegar a semelhante e lastimoso estado.

— Pois bem, disse deliberadamente Iago; ceemos; de qualquer forma, afirmo que saberei obrigar-te a brindar conosco, dado o caso que o nosso exemplo não te leve por *motu* próprio a provar o histórico néctar.

Ato contínuo serviram-se os primeiros pratos, e durante minutos apenas se ouviu o ruído produzido pelos dentes ao triturarem os tenros ossos das presas que devoraram.

Inesperadamente Iago levantou-se e enchendo os dois copos que ainda estavam vazios, pegou no dele e brindou:

— Pelo feliz matrimônio do nosso general e para que nunca veja perturbado com a mais ligeira nuvem o céu de seus amores com a bela Desdêmona.

E dirigindo-se a Cássio, acrescentou:

— Atreve-te a recusar este brinde, e asseguro-te que Otelo nunca te perdoará a descortesia, se um dia vier a sabê-la.

Cássio vacilou um segundo; mas, instado por Montano, que juntou os seus rogos aos do alferes, pegou no copo e bebeu-o de um trago dizendo:

— Á saúde do general, e pela eterna felicidade do seu matrimônio!

E em seguida caiu na cadeira, sombrio e taciturno, como arrependido de ter quebrado tão facilmente a resolução de permanecer sóbrio.

Continuou a ceia, animada pela pitoresca conversação do alferes e pela alegria natural e espontânea de Montano, e, passado algum tempo, o primeiro voltou a erguer-se, encheu novamente os três copos, e disse levantando o seu:

— Brindemos pela glória e prosperidade de Veneza e pelo triunfo das suas armas sobre todos os inimigos!

Montano e ele emborcaram os copos d'um só trago; mas o tenente, sem despejar o seu, disse em tom resolutivo:

— Desta vez não beberei, já lhes fiz a vontade, apesar de contrariado, e por isso espero que não insistam mais.

— Prevês o que se dirá, replicou Iago, sem dar importância às palavras do amigo, quando se souber, e saber-se-á com certeza, porque as paredes têm ouvidos, que não quiseste brindar pela glória de Veneza, depois de ter brindado pela felicidade do homem que te protege? Pois toda a gente afirmará, continuou, sem parecer notar o olhar colérico que lhe dirigia o companheiro, que não passas de um adulator egoísta, que pretende afagar os poderosos, para medrar à sombra deles, e que, como florentino afinal, te importa pouco que a República triunfe ou seja derrotada pelos seus inimigos.

Cássio cravou no miserável um olhar ameaçador e apertando convulsivamente os queixos um contra o outro, como para conter as palavras que estavam prestes a escapar-lhe dos lábios, pegou no copo e bebeu nervosamente até à última gota.

Outra vez prosseguiu a cena, e foi então Montano quem, excitado já pelas libações, ainda que bastante senhor de si, encheu os três copos e disse apresentando o seu:

— Pela total ruína do poderio turco, e para que o leão de S. Marcos destroce, definitivamente, nas suas garras, a orgulhosa meia lua!

O tenente Cássio, sem que em tal momento tivesse ninguém que o provocasse, foi o primeiro a tocar no copo do nobre anfitrião.

Mas, apenas bebeu o vinho que continha, soltou uma blasfêmia, e cravando no alferes os olhos esgazeados, cuspiu-lhe à cara este insulto:

—Iago, és um miserável!

Imediatamente arremessou o copo contra o solo e saiu, cambaleando.

— É melhor segui-lo, pois vai em mau estado e pode praticar qualquer disparate! observou prudentemente Montano.

— Não te preocupes com ele, ilustre amigo, replicou Iago com indiferença, Já desabafou comigo e agora irá direitinho deitar-se e curtir a bebedeira.

“Conheço-o perfeitamente, pois há muito tempo que o acompanho e sei que isto lhe sucede com frequência.

— Como! exclamou Montano admirado. Pois não nos afirmou que nunca bebe?

— Ora! respondeu o miserável. Isso dizem por causa do general todos os bêbedos que resistem pouco e têm, além de medo, mau vinho!

“Aposto dez escudos de ouro em como terás encontrado em tua vida muitos homens, que, como Cássio, têm, poderíamos assim chamar-lhe, o pudor da bebedeira, porque, quando recobram a razão, se envergonham da conduta que tiveram durante o estado de embriaguez.

“Isto, porem, rematou Iago, com malévola intenção, não os impede de tornar a beber, fazendo-se algo rogados para cobrir as aparências e desculpar o juramento que costumam fazer a miúdo, e de que se arrependessem nas ocasiões oportunas.

— É certo! disse Montano convencido. Confesso, porém, ter chegado a acreditar ser Cássio um homem de caráter, incapaz das ridículas pechas dos espíritos fracos. Desprezo os homens que não têm o valor da convicção das suas qualidades e dos seus vícios, e nunca pensei que o tenente de Otelo pertencesse a semelhante classe de indivíduos.

— Porque não o conheces, volveu perfidamente Iago. Quanto a mim, estou habituado a estas cenas, e, como sempre que bebe, me insulta, ouço os ultrajes como quem escuta a chuva. Isto te foi dado observar há pouco.

— Sem dúvida, disse Montano num tom afetuoso. Bem pode dizer esse bêbedo que tem em ti um verdadeiro amigo.

— Sim, estimo-o, respondeu Iago, e prefiro, por isso, que desabafe comigo, a que o faça com outro qualquer; pois o insulto poderia acarretar-lhe desgosto sério, como já por vezes tem estado a ponto de suceder-lhe, quando não me encontro junto dele.

— Mas, põe-se de tal modo quando bebe? Perguntou Montano.

— É verdadeiramente insuportável; para qualquer outro que não tenha a minha paciência, torna-se agressivo e turbulento, e não há meio de reprimir-lhe as insolências senão castigando-o severamente.

— Nesse caso, observou Montano em tom de pesar, repito que fizemos mal em o deixar sair daqui... Quem sabe, se...

Não pôde terminar a frase, porque naquele momento faziam-se ouvir, não longe d'ambos, os gritos espantosos de um homem que pedia auxílio desesperadamente, e antes que tivessem tempo de se refazerem da surpresa, entrou na sala, com flecha, um indivíduo vestido de marinheiro, que vinha seguido de perto pelo tenente Cássio. Este proferia a tropel blasfêmias e maldições agitando a espada que empunhava.

— Hei de espetar-te como um frango, meu grande tratante! gritou o tenente ao entrar em casa, após o marinheiro, o qual, como já terão adivinhado não era outro senão Rodrigo, que havia seguido fielmente as instruções dadas por Iago para a execução do plano.

— Socorro, socorro, que me mata! gritou Rodrigo com voz que reboou por todo o edifício, despertando os homens de armas.

— Alto aí, amigo Cássio! exclamou Montano severamente. O que fazes não é próprio de cavaleiro!

— Se há aqui alguém que não seja cavaleiro, esse és tu, covarde defensor de malandrins, respondeu gritando Cássio, enquanto ameaçava de tal modo Montano com a ponta da espada, que o defensor de Chipre teve de dar um salto para traz e arrancar da que trazia para defender-se, pois corria o risco de ter o peito atravessado pela lâmina do adversário.

Limitou-se, porém, a aparar os ataques furiosos que lhe dirigia o tenente, completamente fora de si, enquanto Rodrigo, Iago e os soldados que haviam acudido, armavam tal barulho com as exclamações e gritos, que o escândalo não tardou em propagar-se desde o porto até às primeiras ruas da ilha cujos pacíficos habitantes perguntavam assustados o que se passava, julgando-se ameaçados por qualquer invasão de turcos.

Entretanto seguia Montano defendendo-se dos ataques do tenente. Mas, num movimento que fez, ao aparar terceira estocada, teve a desgraça de ferir-se, ficando a descoberto, e recebendo em pleno peito a ponta da espada do adversário, que se lhe enterrou duas polegadas na carne.

Caiu no solo o nobre patriota, entanto que os soldados conseguiam desarmar Cássio, que ficara como atônito ao ver Montano por terra. Entretanto Iago escapou-se sem ser visto e logrou assim chegar até o sítio onde estava a sineta de alarme, pela qual puxou furiosamente por bom espaço de tempo.

Os repetidos e violentos toques acabaram de pôr em alvoroço toda a ilha, cujos moradores saltavam apressados dos leitos, tomados do maior pânico.

Armou-se uma confusão indescritível, e um dos primeiros a abandonar o repouso e armar-se foi Otelo, que, depois de acalmar quanto possível a inquietação de Desdêmona, saiu do palácio, seguido de alguns oficiais, para inquirir as causas de semelhante escândalo noturno.

Não tardou em averiguar que a origem do reboliço partira do corpo da guarda situado no porto; e quando, ao apresentar-se ali, encontrou Montano ferido, Cássio desarmado e preso de um atordoamento indescritível, que lhe impedia dar qualquer explicação, e Iago lamentando-se trágicamente do ocorrido, ficou profundamente admirado; não tardou, porém, em suceder ao assombro uma cólera tal, que fez estremecer de terror quantos conheciam os terríveis arrebatamentos de tal homem, excetuando o alferes que, longe de atemorizar-se ao ver o general dementado pela cólera, sentiu o maior júbilo, enforçando-se todavia para não o dar a conhecer, porque, por muito, que devesse regozijar-se ao ver o êxito alcançado pelo seu infame plano, a manifestação mais ligeira de tal regozijo teria sido uma imprudência que lhe podia custar cara.

Consequentemente, em vez de se mostrar satisfeito, acentuou mais ainda a tristeza da atitude e o tom das lamentações, e quando Otelo lhe ordenou severamente que o informasse de todo o ocorrido, o miserável fez um relato pormenorizado, tratando de desculpar aparentemente o amigo, mas, na realidade, agravando de tal modo a sua conduta e as consequências possíveis do escândalo a que havia dado lugar em tais circunstâncias, empregando frases tão capciosas como intencionadas, lamentando com tão bem simulada sinceridade que por uma ligeira imprudência, segundo ele dizia, se tivesse chegado até ao extremo de tocar o sino de alarme e interrompido o sono do seu general; fez ressaltar, em seguida, com, tão pérfida astúcia, o desastroso efeito que a grave ferida do nobre compatriota podia causar nos habitantes da ilha, ainda que, segundo acrescentou, Cássio nunca fizera tal cousa a não ser sob o império da embriaguez; apresentou numa palavra, tão avultados os fatos, fingindo diminuí-los, que, quando acabou a narração, condimentada com protestos de lealdade para com Otelo e de sincero afeto para Cássio, o general completamente enganado pelas palavras do traidor, e muito mais irritado contra o tenente do que antes de ter ouvido Iago, estendeu-lhe afetuosamente a mão, e disse:

— Vejo que te conduzes para comigo com a mesma prudência e fidelidade de sempre, enquanto este homem, e indicou Cássio que permanecia a alguma distância, aguardando ordens e já completamente sereno, abusa da minha confiança pelo modo indigno como procedeu esta noite.

“Pois bem: saberei dar a cada um o que em justiça lhe corresponde. Tu, meu bom e fiel Iago, não continuarás muito tempo sendo alferes, prometo; e quanto ao que diz respeito, acrescentou levantando a voz e dirigindo-se a Cássio, a partir deste momento ficas exonerado do teu cargo de tenente e privado da minha amizade, de que tão indigno te mostraste.

— Mas general, tratou de intervir hipocritamente Iago, enquanto lhe brilhava nos olhos um fugitivo relâmpago de infernal alegria, vede que o castigo é excessivo para a falta!

— Se é, ou não só me compete julgá-lo, replicou Otelo. Silêncio e acompanha-me ao Palácio.

E, levando após si o traidor e o jubiloso alferes, Otelo abandonou o corpo da guarda, deixando Cássio, entregue à desesperação que lhe causava o ignominioso castigo que acabava de sofrer e ver-se privado do afeto e estima de um homem a quem realmente amava como a irmão.

V - O LENÇO

Montano, cujo ferimento não era tão grave como todos haviam imaginado, principalmente como Iago havia feito supor a Otelo, foi o primeiro em interceder a favor de Cássio para que se não atentasse contra a liberdade do tenente deposto; e esta intercessão, unida aos costumes da época, infinitamente mais tolerantes de que os especialmente com os que diziam respeito às questões sangrentas dirimidas entre cavaleiros, foi o suficiente para que ninguém se preocupasse com o desditoso oficial e o deixassem viver tranquilo.

Mas, como se compreenderá, esta tranquilidade só podia referir-se ao que representava a segurança pessoal de Cássio; o que pouco lhe importava, preocupado como estava, até à desesperação, pelo castigo que lhe haviam imposto: o mais doloroso que poderia ter sofrido, especialmente se levarmos em conta que a esse castigo ia unida, como dissemos no capítulo presente, a privação da amizade e da estima do chefe.

Cássio, pois, não parecia o mesmo desde a amaldiçoada noite em que se desenrolaram os lamentáveis fatos que narramos; concentrando-se constantemente no desconsolo e na tristeza mais profunda, permanecia sempre só, fugindo do convívio e da vista das pessoas e, mais do que de ninguém, do infame Iago; pois que uma espécie de pressentimento o fazia adivinhar, ainda que muito vagamente, a parte ativa que o miserável tomara em todos os acontecimentos.

Não obstante, um dia em que segundo o costume que havia adotado desde a noite fatal, se entregava aos seus solitários passeios à beira mar, viu aproximar-se o alferes de Otelo, o qual se lhe dirigia com o sorriso nos lábios.

Em tal sítio, onde não havia nenhuma casa, era impossível a Cássio ocultar-se, escapulir-se, ou responder com desprezo ao cumprimento que lhe dirigiu o alferes; tal procedimento constituiria imprudência perigosa, tanto mais que carecia de base sólida em que apoiar as veementes suspeitas que contra ele abrigava.

Por conseguinte fez das tripas coração, como se diz vulgarmente, e, ainda que com instintiva e invencível repugnância, correspondeu ao amigável sorriso de Iago e apertou a mão que este lhe estendia, e que de boa vontade esmagaria entre os dedos.

Em breve a repulsão e antipatia começaram a dissipar-se lentamente, para dar lugar à surpresa e ao assombro, quando ouviu falar o alferes, que se expressava deste modo:

— Acredita, caro Cássio, que lamento o sucedido, ainda mais profundamente que tu; pois não há dúvida de que, em rigor, eu sou o único causador de tudo o que deu motivo a tão lamentável ocorrência, com a minha insistente imprudência, obrigando-te a que bebesses. Conhecendo-te como te conheço e sabendo o inimigo que és do vinho, e que não resistes a um só copo, o meu dever era evitar a todo o transe a tentação de brindar, em vez de induzir-te estupidamente a tal. Foi o que fiz, em má hora para todos. Perdoa-me, pois, como me perdoou Montano, de cujo ferimento sou o verdadeiro culpado, ainda que indiretamente, e ao qual já dei as explicações que devia para justificar-te a seus olhos como mereces; perdoa-me, repito, e acredita que, se à custa do meu sangue pudesse evitar por completo o ocorrido e fazer desaparecer as suas consequências, fá-lo-ia de boa vontade.

Cássio deixou falar ligo sem o interromper, e embora as palavras do alferes causassem nele à medida que o traidor as proferia, a estranha impressão que dissemos anteriormente, limitou-se a responder com visível frialdade:

— Bem! Quem se lembra já de semelhante cousa? O que está feito, está feito, e o melhor que podemos fazer é esquecer.

— Não, por Deus, querido Cássio!

“Eu, pelo menos, longe de esquecer, devo recordar constantemente, para que, servindo-me de exemplo esta rematada asneira, me impeça de para o futuro praticar outra igual. Depois, prosseguiu alegremente, isso de o fato não ter remédio parece mais conforme com o fatalismo do nosso general, do que com a grandeza de critério de um sábio florentino como é o tenente Cássio.

— Já não sou tenente de Otelo, replicou Cássio com tristeza. Estavas presente quando me depôs e me negou a sua amizade.

— Se o não és, não tardarás em sê-lo de novo, afirmou intencionalmente ligo.

— Que queres dizer?— perguntou Cássio, cada vez mais surpreendido e começando a arrepender-se finalmente de ter suspeitado da amizade do alferes.

— Quero dizer— respondeu este dando-se ares de proteção carinhosa para com o antigo camarada,— que conheces mal os homens e que és demasiado leviano para te entregar à desesperação.

— Que conheço mal os homens?— exclamou Cássio corando, pois que adivinhava a quem a frase intencional do amigo visava.

— Sim, conhecê-los mal— insistiu Iago — e desconfiaste de mim. Vamos, confessa — acrescentou batendo afetuosas palmadas no ombro do amigo.

—Juro-te... —replicou Cássio.

— Não jures — interrompeu-o o alferes — porque mentiras, e isso é indigno de ti. Mas para vingar-me como devo da maneira como pensaste a meu respeito, vou castigar-te dizendo que, à força de atormentar o cérebro procurando a maneira de remediar eficazmente todo o ocorrido, estou seguro de ter dado com um meio que, não só te devolverá o posto, mas que te ganhará também de novo a amizade e a estima de Otelo.

— Como! exclamou Cássio, admirado, estreitando agradecido a mão do alferes.

—Muito simplesmente — respondeu este — por meio de Desdêmona.

—De Desdêmona? Não te compreendo — disse Cássio.

— Pois a coisa não pode ser mais clara — replicou Iago com convicção absoluta.

— Vejamos: não foste tu, durante muito tempo, o único confidente dos amores de Otelo e da bela filha de Brabâncio?

— Certamente — respondeu Cássio, mas ignoro como pudeste saber isso, que é segredo para toda a gente.

—Menos para minha mulher Emília — retificou Iago — Pois Desdêmona não tem segredos para ela. Mas, adiante; falemos do que importa. Assim pois, a esposa do nosso general deve estar, e está, profundamente agradecida, pois deve-te primeiro que tudo, a felicidade de que desfruta e o amor de Otelo. Além disto, consta-me que tem em grande estima o teu cavalheirismo e o teu talento, e que te aprecia tanto quanto pode apreciar outro homem uma mulher apaixonada do marido.

— É certo — concordou ingênua e modestamente Cássio — que Desdêmona me distinguia entre os outros oficiais do seu esposo. Mas desta distinção à simpatia que dizes dispensar-me, há muita distância, e creio que a tua grande estima por mim, te faz exagerar e não pouco.

— As mulheres não sabem equivocar-se, nem exagerar neste sentido — replicou perfidamente Iago — e a minha assegurou-me o que te acabo de dizer, por tê-lo ouvido dos próprios lábios de Desdêmona.

“Que dizes agora a isto?”

—Digo — respondeu Cássio, corando, pois sem saber porquê sentia a vaidade ferida com as palavras do bandido — que mesmo que assim fosse, qual a vantagem que me adveio?

— Ainda o perguntas?— inquiriu Iago, simulando a mais perfeita admiração. Perdoa dizer-te que és o mais inocente dos mortais, pois só uma candidez como a tua pode ignorar que, quem como tu, tem pela sua parte a mulher, conta também sem dúvida, com o marido.

—De que forma?— perguntou Cássio, sem compreender onde queria chegar Iago, que não fazia mais do que seguir a linha que traçara ao infame plano para envenenar o coração de Otelo e aniquilar-lhe a existência, destruindo a felicidade que ele encontrava no amor da esposa.

— Assombra-me a tua inocência, ingênuo Cássio! exclamou Iago. — Perguntas-me de que modo há de arranjar-te para chegares até Otelo tendo por mediadora Desdêmona?

— Sim, pergunto — confirmou, porque não vejo meio de me aproximar da esposa do general, estando-me proibida, ainda que tacitamente, a entrada no palácio.

—Indubitavelmente, se não tivesses quem te ajudasse — respondeu o miserável— não te seria muito fácil, não. Mas quem conta, como tu, com amigos resolvidos a tudo para te ajudar, consegue o que quer, se tem a coragem precisa para ganhar a partida.

— Como!— exclamou Cássio reconhecidíssimo — acaso tu?...

— Eu, precisamente não,— interrompeu-o o alferes; mas sim minha mulher, que, compadecida de ti e convencida pelas minhas súplicas, cedeu, a proporcionar-te uma entrevista com Desdêmona, que sabe o que se passou e pende para o teu lado.

— E acedeu a receber-me?— perguntou ansiosamente o tenente.

—Ás primeiras palavras que Emília lhe disse intercedendo por ti— respondeu Iago,— e acrescentou que te receberia com muito gosto e que, com maior ainda, intercederia por ti junto do esposo, convencida de antemão que alcançará o perdão da tua falta, fazendo que sejas reintegrado no posto de tenente.

— E quando julgas que lhe poderei falar?— interrogou Cássio, com justificada impaciência.

— Quando te agradar; agora mesmo, se quiseres — disse Iago.

— Agora mesmo?— exclamou Cássio surpreendido. — Está então prevenida da minha provável entrada no Palácio?

—Desde esta manhã, segundo me informou minha mulher. Apenas chegues, Emília conduzir-te-á à sua presença.

O leal e ingênuo Cássio estreitou carinhosamente entre os braços o ignóbil amigo, e disse-lhe com a voz trêmula de comoção:

— Perdoa-me, caro Iago, pois tinhas razão quando disseste que chegara a duvidar de ti! Perdoa-me, repito, pois se soubesses que só e desgraçado me encontrava!...

— Não falemos mais em tal!— interrompeu Iago dando-se ares protetores. Eu teria pensado o mesmo, e talvez não tivesse tido a nobreza de o confessar, como acabas de fazer. Esqueçamos, pois, essas criancices, ocupemo-nos somente da tua completa reabilitação junto de Otelo. Estás decidido a falar com Desdêmona esta noite?

— Quando quiseres — respondeu Cássio, que se sentia tornar à vida desde que, com as palavras do falso amigo, lhe havia dado entrada no coração a esperança.

— Pois vamos, e não percamos tempo — disse Iago tomando o braço do camarada e encaminhando-o para o Palácio. — Consta-me que Otelo não se encontra agora no Palácio e, por conseguinte, não pode haver ocasião tão oportuna como esta para encontrar Desdêmona só e poderes falar da tua causa com o maior entusiasmo; ainda que, como já te informei, pouco terás a dizer, porque a esposa do general é em teu favor e defenderá a questão até conseguir ganhá-la, sem dúvida alguma.

—Tenho um escrúpulo — observou Cássio, parando, em seguida, e obrigando Iago a deter-se.

— Qual?— perguntou este, franzindo ligeiramente as sobrancelhas, porque se Cássio não se prestasse a segui-lo, cairia pela base todo o edifício do infame projeto que tramara para acabar de perder quantos lhe eram odiosos.

— Se Otelo — respondeu Cássio,— sabe que visitei o palácio e falei com a esposa a ocultas, isto longe de predispô-lo em meu favor, irritá-lo-á mais ainda contra mim do que já está. Perderemos então terreno, em lugar de o ganhar.

— Em primeiro lugar— ponderou astutamente Iago,— Desdêmona se encarregará de lhe explicar satisfatoriamente tudo, com o que ficará bastante

justificada a tua conduta; depois, este passo acabará de o convencer de que estás decidido a tudo para recuperar a sua estima e afeto.

“Além de que — terminou— o mais provável, poderemos dizer o quase certo, é que não chegue a saber da tua visita ao castelo, pois entrarás por uma porta oculta e minha mulher estará esperando, para levar-te à presença de Desdêmona, sem que possa surpreender-te nenhum curioso indiscreto. Já vê, que tudo está bem preparado e que não tens nada a recear.

Para falarmos a verdade, tal mistério, tal jogo de palavras e de precauções para afinal penetrar clandestinamente e como um ladrão na moradia do seu antigo general, nada menos que para falar a Desdêmona sem consentimento do esposo, não acabaram de convencer o leal e honrado oficial de Otelo; mas como, apesar de tudo, não tinha por onde escolher e queria a todo o custo recuperar o cargo perdido e a afeição do chefe, deixou-se levar docilmente pelo infame amigo até ao palácio do governador, no qual entrou, como havia dito Iago, por uma porta oculta, junto da qual o deixou o alferes, afirmando-lhe que o viria buscar mais tarde para que o pusesse ao corrente do resultado da entrevista, ainda que este não podia ser senão completamente satisfatório.

Conforme dissera Iago, Emília esperava Cássio por detrás da tal porta, e apenas o tenente entrou, conduziu-o, através de corredores e galerias estreitas, até aos aposentos de Desdêmona, sem que ninguém suspeitasse da sua misteriosa visita ao Palácio.

A pura e formosíssima esposa de Otelo, que realmente apreciava Cássio, cujas excelentes qualidades conhecia e estimava, bem como a cega dedicação do oficial pelo mouro, recebeu-o afetuosamente, ouviu-o com a atenção e benevolência de uma irmã e prometeu alcançar o perdão de Otelo, ao qual falaria em seu favor naquela própria noite, explicando-lhe a verdadeira causa do sucedido, e apresentando o cavalheiresco e leal Cássio tal como este realmente era, e não como o havia feito aparecer aos olhos de todos e, principalmente aos do general, um conjunto de circunstâncias desgraçadas.

Cássio, derramando lágrimas de gratidão, ajoelhou ao despedir-se, para beijar a mão da sua protetora, vendo, louco de alegria, que voltava a brilhar para ele o sol da esperança.

Desgraçadamente, no momento em que pousava os lábios na nívea mão de Desdêmona apareceu Otelo ao fundo do largo corredor que dava acesso ao salão em que se encontravam a esposa e o tenente.

O general, que vinha acompanhado de Iago, estremeceu violentamente ao ver Cássio de joelhos ante a esposa e beijando-lhe a mão.

A cólera que experimentou só pode comparar-se ao indescritível assombro que lhe tomou os sentidos durante alguns momentos, deixando-o cravado no mesmo sítio e sem poder pronunciar uma só palavra. Quando tornou a si e seguiu avançando até onde se encontrava sua esposa, Cássio já tinha desaparecido, pois que a inesperada presença do general desconcertou-o de tal modo, que, sem prever as consequências da sua fuga, nem atender a outra coisa do que ao receio de se encontrar frente a frente com Otelo depois do imprudente passo que acabava de dar, abandonou o salão precipitadamente, sem dar atenção às observações de Desdêmona, que o aconselhava a ficar.

— Desde quando é permitido a esse bêbedo e mal educado cavalheiro entrar em minha casa sem eu saber e atrever-se nada menos do que a beijar de joelhos a mão de minha esposa? perguntou Otelo à jovem, em tom irado.

— Cássio não é nenhum bêbedo e tão pouco mau homem respondeu docemente Desdêmona. Pelo contrário, é o amigo mais fiel e mais leal que tens, e há muito tempo que o provou, ajuntou ela olhando para Otelo intencionadamente e aludindo aos valiosos serviços que o oficial havia prestado a ambos durante o período dos seus amores em Veneza e às ocultas do senador Brabâncio, seu pai.

— Sei perfeitamente o que devo a respeito da lealdade desse e de todos os meus amigos, replicou brutalmente o mouro, sem necessidade de que ninguém mo recorde.

“De hoje em diante proíbo-te terminantemente que recebas nos teus aposentos qualquer homem sem o meu consentimento e, muito menos, indivíduos que, com a sua desprezível e escandalosa conduta, se tornaram culpados do meu justo desprezo.

— De boa vontade te obedecerei nisto como em tudo, e não receberei jamais nenhum homem sem que tu me autorizes a tanto, respondeu com doçura angelical a bela esposa do ciumento e apaixonado mouro. Mas, por esta vez, te rogo, meu querido amigo, que perdoes a Cássio e lhe devolvas a estima e o afeto que dantes lhe dedicavas e que tanto merece.

— Não quero, entendes? não quero tornar a ouvir pronunciar em minha casa, e muito menos aos teus lábios, o nome de tal homem. Ouves? Pois bem, aconselho-te que não o esqueças, pois não gosto de repetir as ordens que dou, rugiu Otelo.

— Não esquecerei, esposo meu, disse Desdêmona, sem perder nem um instante a inalterável doçura. Mas asseguro-te que, tu, tão prudente e generoso sempre, és injusto nesta ocasião com o pobre Cássio.

— Outra vez? gritou o mouro fora de si. E sentindo que a cólera que o dominava o arrastava a uma brutalidade, da qual teria de arrepender-se, abandonou precipitadamente o quarto, dizendo com voz agitada para o alferes: Segue-me, Iago!

O infame não fez repetir a ordem, e saiu na esteira do general, não sem fazer um profundo e servil cumprimento a Desdêmona.

Quando se encontrou no corredor só com Otelo, começou a murmurar em voz baixa:

— Que imprudentes! Quem o tivera adivinhado! Chama-se a isto jogar com a própria vida!

Otelo, que apesar da ira que o dementava, ouvira perfeitamente as insidiosas palavras do alferes, que com tal propósito as havia dito, embora aparentando falar para si, agarrou violentamente Iago pelo pescoço, de tal modo que esteve a ponto de o estrangular e perguntou-lhe:

— Que dizes, miserável? quem são os imprudentes e os que jogam com a vida?

“Atrever-te-ias a suspeitar, infame, de minha esposa, da minha Desdêmona?!”

“Fala, cão, ou morrerás às minhas mãos, aqui mesmo!”

Iago não respondeu, pela simples razão de que não podia falar, apertado como estava entre os férreos dedos do furioso africano.

Mas, levando a mão ao bolso, tirou dele um lenço de seda, bordado nos quatro cantos, e estendeu-o a Otelo, enquanto fitava eloquentemente o marido de Desdêmona.

Este retrocedeu alguns passos, como horrorizado, e fixando no lenço um olhar de louco, murmurou com frases entrecortadas, a voz cheia de angústia:

— Como! O meu lenço!

“O lenço que era uma relíquia de minha mãe e de que fiz presente a Desdêmona como a joia mais preciosa que possuía! A melhor prenda dos nossos amores em mãos estranhas!...”

“De onde o roubaste, traidor?— gritou a Iago, pronto a lançar-se de novo a ele.

— Cássio! Cássio é que o tinha e tirei-lho! apressou-se a responder o alferes, receando realmente pela sua vida, ao ver a espantosa atitude de Otelo.

—Tinha-o Cássio?— rugiu o mouro.

“Ira de Deus! Mas isso é impossível! Impossível!

“Mentes, traidor, infame! Diz-me que mentes ou te arranco as entranhas!

— Não o posso dizer, general, porque sou demasiado fiel para vos enganar.

“Esse lenço, que nunca vos mostraria, a não ser num caso especial como o de hoje, para salvar a minha vida, tirei-o a Cássio, repito, e a ele o havia entregado Desdêmona alguns dias depois do vosso casamento. Eu próprio, que estava oculto, a alguma distância, pois suspeitava d'ambos, lho vi dar!

“Juro-vos que daria a vida para não despedaçar o vosso coração como o faço neste momento; mas ordenais-me que fale e não tenho outro remédio senão obedecer.

Otelo, cuja bronzeada pele se havia posto repentinamente cor de cinza, quis pronunciar algumas palavras, mas não pôde; arrancou a gola do gibão que o apertava, soltou uma espécie de suspiro rouco, como o estertor da agonia, e o seu atlético corpo de gigante caiu sobre o tapete, débil, apesar das hercúleas forças, para resistir ao furioso furacão das selvagens paixões que a intriga do infame Iago lhe desencadeara na alma.

O miserável, ao ver cair o desditoso esposo de Desdêmona, esboçou um sorriso horrível e murmurou entre dentes:

Isto vai às mil maravilhas, e já falta pouco para o fim.

“Que bruto, hein? Se não venho preparado com o lenço, matava-me com certeza! Verdade seja que isto adiantou os sucessos, que nada perdi com passo!

“Agora vamos chamar socorro, pois não quero que morra antes de que tenha despachado os outros e eu arredondado a minha fortuna, para o que tenho à mão esse imbecil de Rodrigo e o cargo de tenente que deixou vago esse outro imbecil de Cássio.

E, ditas estas palavras com sangue frio e cinismo espantosos, junto do inanimado corpo de Otelo, o traidor revestiu uma aparência de dor e de lástima que teria invejado o mais hábil farsante do tempo, e foi correndo em busca de socorros para a sua infeliz e crédula vítima.

VI - OS EMBAIXADORES

A terrível crise sofrida por Otelo, em consequência das infames calúnias urdidas por Iago e que apresentavam a pura e inocente Desdêmona como vil adúltera, determinou no arrebatado mouro uma congestão cerebral, que durante alguns dias o teve prostrado no leito, entre a vida e a morte.

Restabelecido, por fim, graças à rigorosa organização e, mais do que tudo, aos assíduos e ternos cuidados que Iago prodigalizou Desdêmona, que o não abandonou um só instante, nem mesmo para entregar-se ao imprescindível descanso, pôde deixar o leito e, nesse mesmo dia em que se levantou, mandou chamar aos seus aposentos Emília, mulher de Iago, e por meio de súplicas e de ameaças tratou de arrancar a confissão da culpabilidade de Desdêmona julgando acertadamente que, se esta tinha, em verdade, algum segredo punível, o conheceria, sem dúvida, a esposa do alferes, que mais do que uma simples criada da filha de Brabâncio, havia sido sempre a sua mais íntima companheira e fiel amiga, dispondo, como tal, da absoluta confiança da jovem.

Mas, por mais que fizesse para obrigar a Emília a falar contra a suposta adúltera, como a confidente desta nada tinha que dizer contra ela, nada disse, e, pelo contrário, mostrou-se profundamente surpreendida a começo, chegando até a indignar-se, quando se convenceu de que Otelo duvidava, mais ainda, estava convencido da traição de Desdêmona.

Em vão se esforçou o mouro por fazer com que a nobre mulher proferisse uma só palavra, que desse vulto e alimento e fortificasse os cruéis ciúmes que Iago mordiam as entranhas; em vão Iago falou de Cássio e das supostas intimidades deste com a esposa. Emília negou redondamente, pela salvação da sua alma, que existissem tais intimidades, chegando no grande afeto que devotava a Desdêmona a increpar Otelo por ofender a sua ama e amiga com tão miseráveis suspeitas.

Isto fez chegar ao cumulo a irritação e cólera do apaixonado e ciumento africano, o qual, julgando que a serva encobria Desdêmona e que, por tanto, fazia causa comum contra ele para atraiçoar o seu amor e lançar inextinguível mancha no seu nome, acabou por insultar furiosamente Emília, expulsando-a do aposento com terríveis ameaças e prometendo-lhe que não tardariam em se arrepender do que ele chamava infame conduta de alcoviteira e encobridora.

A fiel e leal criada foi-se chorando com verdadeiro desgosto, e, sem perder um minuto, dirigiu-se ao encontro da ama, à qual referiu o que acabava de suceder-lhe e o que Iago dissera Otelo.

Estavam assim conversando, ouvindo Desdêmona a Emília com o doloroso espanto que pode calcular-se facilmente, quando, de repente, as duas mulheres ficaram estupefatas, ao ver entrar o mouro no aposento.

— Como suponho, disse com rapidez Otelo, dirigindo-se a Desdêmona, que já haveis falado mais do que é necessário, e sobre tudo, mais ainda do que para minha honra e para minha tranquilidade convém, creio que essa mulher poderá retirar-se, pois tenho necessidade de falar a sós contigo.

— Retira-te Emília, disse a jovem com doçura para a sua criada de quarto. Se precisar de ti chamarei.

A dama de companhia saiu imediatamente dirigindo um cumprimento carinhoso a Desdêmona e quase sem olhar para Otelo, ao qual semelhante atitude irritou mais do que estava.

—Já vejo, começou dizendo com mal reprimida cólera, que não te preocupas a ensinar aos criados o respeito que devem a teu esposo.

— Perdoa a Emília, respondeu carinhosamente Desdêmona; respeita-te e estima-te, como te respeitam e estimam aqui todos, começando por mim e acabando no último dos teus servidores. Mas hoje está nervosa e muito contrariada, como eu própria estou, devido à entrevista que teve contigo e que me contou, pormenorizadamente.

—Felicito-te por teres servos tão leais, respondeu sarcasticamente Otelo. Já não posso dizer outro tanto.

— Queixas-te injustamente, observou a jovem, porque, repito: ninguém aqui faz distinção alguma, senão em teu favor, pois seria eu a primeira a não a consentir.

—Mil graças! respondeu Otelo com o mesmo sarcasmo com que anteriormente se havia expressado. Já vejo que não tenho razão de me queixar, e que sou o mais injusto dos homens e o mais contraditório dos maridos.

— Não quis dar-te a entender semelhante cousa; mas se assim o fiz mesmo contra minha vontade, perdoa-me, disse humildemente Desdêmona.

— Estás perdoada, respondeu o mouro secamente; e logo acrescentou mudando o tom da voz que tentou tornar o mais indiferente possível: há poucos dias, ao cair sem sentidos no pavimento, molestei um pouco a mão direita; a começo não me doía nada e por isso nada também disse até hoje; agora doe-me bastante e agradecer-te-ia que atasses em redor dela qualquer coisa, um lenço... aquele de seda de que te fiz presente em Veneza, dizendo-te que o guardasses como relíquia, porque era de minha mãe.

Desdêmona pôs-se pálida como morta ao ouvir o esposo expressar-se de tal maneira. O lenço em questão havia-se extraviado dias antes, e receando os arrebatamentos do caráter de Otelo, ocultara-lhe tamanha perda, pois não ignorava que o marido sentia por essa recordação de sua mãe, única que possuía, verdadeira veneração. Calcule-se pois o terror que experimentaria em tal momento, sabedora por Emília, e pelo que pessoalmente observava no esposo, da má predisposição que ele tinha contra ela, devida a furiosos e injustificados ciúmes. Dizer-lhe naquele instante que perdera o lenço, era dispor-se a desencadear contra ela todas as terríveis tempestades daquele temperamento arrebatado até à ferocidade; por outro lado mentir, inventar qualquer fábula que justificasse a falta do lenço, seria tão inútil como indigno da nobreza e da lealdade do seu caráter. Por conseguinte só pôde responder, com voz balbuciante, e sentindo que um suor gelado lhe banhava todo o corpo:

— O lenço de seda!... O lenço de tua mãe!... Olha... tenho-o tão bem guardado, que perderia demasiado tempo em dar com ele!... Outro qualquer te servira de igual modo!... Não te parece?...

E a infeliz tremia, olhando o esposo com olhos aterrorizados, e sentindo que ia desmaiar se a espantosa situação se prolongasse demasiado tempo.

— Quero o lenço de seda! Quero-o agora mesmo! respondeu Otelo com implacável aspereza.

— Mas, atreveu-se todavia a acrescentar a infeliz Desdêmona, não te disse?...

— O lenço! rugia o terrível mouro arrebatado já pela selvagem explosão dos ciúmes. A desventurada tremeu até ao íntimo d'alma; começou o pranto a banhar-lhe as nacaradas faces e, tapando o belíssimo rosto com as mãos, caiu de joelhos aos pés do cruel marido, balbuciando entre convulsivos soluços:

— Perdão! Perdão! meu querido Otelo!... Perdi-o!... não sei que foi feito dele!...

— Oh! infame!... confessas, finalmente! acrescentou rugindo furiosamente o terrível ciumento, acaba de vez a tua confissão, miserável adúltera, vil prostituta!... Dize que o não perdeste; que, pelo contrário o deste ao teu amante, ao traidor que enganava a minha amizade, roubando-me a honra; ao cobarde por quem tinhas, ainda há poucos dias, a desvergonha e o cinismo de interceder, chegando o teu impudor a defender-lhe as crapulosas e indignas bebedeiras!...

“Confessa, infame, confessa ou te afogo entre as minhas mãos de ferro, feitas para estrangular feras como tu, que tens coração de tigre! ouves, miserável?! Confessa ou te mato!...

E o formidável africano, convertido já num desses irracionais a que vinha de referir-se, apertou entre as hercúleas mãos o grácil e delicado corpo da esposa, a qual, apavorada, abateu a delicada e branquíssima garganta sobre o peito, cerrou os meigos e belos olhos e, soltando débil suspiro, ficou inerte nos braços do temível esposo.

Ao ligeiro grito desprendido dos lábios da jovem ao perder o conhecimento, sucedeu ato contínuo a repentina entrada de Emília no aposento. Conhecedora do veemente caráter de Otelo, previra, ainda que apenas em parte, as consequências da conversação do mouro com a inocente esposa, e não se afastara muito do quarto.

Sem embargo, a mulher do traidor alferes nunca previra até onde chegaria a selvagem paixão do africano, e ao ver nas terríveis mãos de Otelo o corpo inanimado da querida ama, julgou que ele a tinha matado e, começou a gritar desesperadamente, rompendo em violentos soluços e increpando o ciumento marido com os mais horríveis impropérios:

Otelo, cujos olhos se injetaram de sangue, e cujo bronzeado rosto instantaneamente se pôs quase branco, sentiu desejos irresistíveis de arrojarse sobre Emília e estrangulá-la; mas, dominando os impulsos ferinos com supremo esforço da vontade, conseguiu vencer-se e, abandonando o desmaiado e precioso corpo que ainda conservava entre as mãos, lançou à criada um olhar de ameaça feroz e saiu precipitadamente do aposento, como se temesse não ser senhor de si, caso nele permanecesse mais algum tempo.

Emília ficou, pois, só com Desdêmona, a qual levantou do chão com o delicado esmero de mãe, e, depois de a deitar no leito, prodigalizou-lhe todos os cuidados que considerou necessários para a fazer recuperar os sentidos.

Quando a infeliz voltou a si do delíquio, rompeu em amargo e copioso pranto, o que lhe desafogou um tanto o angustiado coração. Depois, em vez de se mostrar indignada contra o implacável esposo, começou a desculpá-lo aos olhos de Emília, que continuava dirigindo-lhe os insultos mais violentos.

—Meu pobre Otelo — terminou dizendo a pura e nobre Desdêmona.

“Sofre mais ainda do que eu, porque me ama apaixonadamente, e julga-me culpada, devido a um erro fatal, que é preciso aclarar a todo o custo.

Ditas estas palavras, que lhe punham em relevo toda a angelical formosura da alma, fechou os olhos e, o seu delicado organismo, rendido por fim, por tantas e tão violentas emoções, caiu num profundo sono, que era o melhor lenitivo que podia achar nesse instante a desventurada para acalmar a dor que lhe atormentava a alma...

Entretanto Otelo dirigia-se para os seus aposentos particulares, com o propósito de encerrar-se nele e poder desafogar melhor, no isolamento a raiva e os ciúmes que lhe mordiam cruelmente o coração.

Mas, apenas penetrou no salão que lhe servia de gabinete, encontrou-se, cheio de admiração, na presença completamente inesperada em tão dolorosos momentos de quatro cavaleiros venezianos, que acabavam de chegar à ilha de Chipre e o estavam esperando.

De novo conseguiu o mouro dominar as violentas agitações e as cruéis torturas da alma, e, depois de trocados os primeiros cumprimentos, perguntou ao mais velho dos quarto, e que parecia ser o chefe, o motivo de tão inesperada como grata visita.

Este, que era o senador Graciano, irmão de Brabâncio e tio por conseguinte de Desdêmona, começou por abraçar afetuosamente Otelo e depois, em voz grave e repousada, expressou-se desta forma:

— O Doge, em nome do ilustre e sábio Conselho dos Dez, nos manda aqui, valente general, como encarregados de exprimir o agradecimento de sua agradecida Majestade e de toda a República pelos valiosos serviços que, neste momento, como sempre, prestaste a Veneza, no exercício do teu governo de Chipre.

“Em seguida prosseguiu mais gravemente ainda Graciano, ordena-nos que te façamos saber que o Conselho e sua Senhoria necessitam de ti com grande urgência, para encarregar-te de nova expedição de vital interesse para o Estado.

“Não devemos demorar muito tempo a nossa partida, e por isso, apenas tenhamos descansado das fadigas da viagem, que foi penosa e acidentada em extremo, sairemos da ilha para Veneza, onde terás a gentileza de acompanhar-nos. Isto tardará três ou quatro dias, o máximo, tempo suficiente para que possas tomar as disposições que consideres oportunas para o melhor governo de Chipre, do qual, por ordem expressa do Conselho, encarregarás o tenente Cássio, que de ti tem sempre merecido os melhores elogios quando se te oferece ocasião de fazer-lhos. Eis quanto tínhamos a dizer-te em nome do Doge e do ilustre Conselho dos Dez, valente Otelo. Está pois cumprido o objeto da nossa embaixada, e agora, rogamos-te encarecidamente ordenes o que necessário for para que possamos desfrutar a tua generosa hospitalidade e entregarmo-nos ao repouso de que tanto carecemos.

Um raio que tivesse caído aos pés de Otelo não lhe produziria maior espanto do que o que lhe causou o breve discurso proferido pelo emissário da Majestade. A princípio ficou como que aturdido; mas não tardou em readquirir o sangue frio,

e respondendo como pôde ao senador Graciano, prometeu obedecer, como sempre, às ordens do Doge e do ilustre Conselho.

Seguidamente deu as instruções necessárias para que instalassem os embaixadores nos seus respectivos aposentos.

Depois, quando conseguiu ficar só, sorriso estranho, cheio de ironia e de ódio, entreabriu-lhe os grossos lábios; mandou chamar imediatamente Iago, e apenas este chegou, disse-lhe sem mais preâmbulos:

— Ouve-me com todas as tuas faculdades, e sem te admirares de cousa alguma, nem perder o tempo em exclamações inúteis. Fixa bem na memória o que te vou dizer e obedece à risca.

— Já sabeis, ilustre general— respondeu servilmente Iago — que sou para vós um cão fiel, e que daria de boa vontade a vida se fosse necessário, para servir-vos.

— Sei, e como chegou agora o momento de pôr à prova a tua amizade por mim, por isso te chamei.

O alferes tremeu, pois ignorava onde queria chegar o terrível Otelo; mas fazendo das fraquezas forças respondeu com voz firme:

— Mandai e obedecerei.

— Acabo de receber uma embaixada de Veneza, que me ordena, em nome da Senhoria, que saia de Chipre, sem demora, para a cidade de S. Marcos.

— Como!— exclamou Iago profundamente surpreendido, apesar da ordem que havia recebido de Otelo, de que o não interrompesse.

— Ainda não é tudo — respondeu o mouro com sarcástica amargura, sem fazer caso da exclamação do alferes — O Doge ordena-me também que deixe o tenente Cássio encarregado do governo de Chipre.

O infame Iago pôs-se lívido de inveja, e tão violenta foi a impressão que nele causaram as palavras de Otelo que se atreveu a perguntar-lhe:

— E que tenciona fazer, general? Obedecer à Senhoria?

— Não poderei obedecer, ainda que quisesse — respondeu Otelo sorrindo ferozmente,— porque os embaixadores partirão dentro em três ou quatro dias, e esta mesma noite morrerá Cássio de uma punhalada que tu mesmo te encarregarás de dar-lhe.

Brilharam de infernal alegria os olhos do alferes, que se limitou a responder:

— Sou vosso em corpo e alma. Cássio morrerá esta noite...

Mas acrescentou vacilando, porem resolvido a todo o custo a saber o que ganharia de semelhante missão:

— Que pensais fazer, no que vos diz respeito?

— A seu tempo o saberás — respondeu secamente o mouro. — Agora, vai-te, pois já disse o que tinha a dizer e esta mesma noite, seja a que horas for, te espero para que me dês conta da morte do infame ladrão da minha felicidade e da minha honra.

Pronunciadas estas últimas palavras, Otelo despediu Iago com um gesto, e ato contínuo abandonou o quarto.

Apenas se viu só, Iago sorriu com expressão de ódio e de ambição satisfeita, e murmurou entre dentes:

— Amanhã, a estas horas, serei tenente e talvez governador da ilha, pois saberei obrigar Otelo a que me pague bem a morte de Cássio; quanto a este não serei eu que o hei de matar, mas sim esse imbecil de Rodrigo, ao qual oferecerei a posse imediata de Desdêmona se a livrar do oficial que sempre a está importunando com as suas instantes e vergonhosas declarações; assegurar-lhe-ei que isto me disse ela própria, e que se ainda se não entregou, foi porque teme que Cássio venha a sabê-lo e, para vingar-se, conte tudo ao marido. Que o diabo me leve se o estúpido Rodrigo não acredita na fábula e não mata o rival! Para tanto facilitar-lhe-ei ocasião oportuna, marcando a Cássio uma entrevista na praia às 11 horas da noite de hoje. Rodrigo matá-lo-á com uma punhalada à traição e eu, que ficarei presenciando a cena, denunciá-lo-ei à justiça... — Não, interrompeu o miserável. — Isto é perigoso, porque o imbecil poderia falar, e não me convém, pois toda a gente saberia então que o iludi para apoderar-me de todas as suas joias e dinheiro. O melhor, é depois de matar Cássio, matá-lo a ele também, o que me será fácil, porque é muito menos perigoso do que o outro. Assim está bem— terminou dizendo com expressão satisfeita. — Está resolvido: de tal guisa livro-me desse parvo que já começa a incomodar-me, e já não tenho nada a temer de Cássio, podendo em troca cobrar o preço da sua morte, sem o menor risco para a minha pessoa...

E Iago dispôs-se a ir procurar Rodrigo sem perda de tempo, para começar a pôr em execução o seu infame plano; mas, antes de abandonar o palácio do governador, enviou a Cássio um soldado encarregado de lhe dizer que o esperasse às onze horas da noite na praia, pois tinha que comunicar-lhe uma notícia de grande interesse para ele.

— Aposto a cabeça em como não faltará— disse o miserável— regozijando-se antecipadamente com o resultado que ia obter da nova e dupla infâmia acabada de planear.

VII - CRIME E CASTIGO

Avança a noite e os relógios de Chipre dão pausada e gravemente as dez badaladas.

Na alcova de Desdêmona, a jovem e bela esposa do governador da ilha dispunha-se a deitar-se ajudada carinhosamente pela mulher de lago, tão fiel e leal servidora, como falso e traidor era para o general africano o infame marido.

— Emília, disse com voz de infinita doçura a filha de Brabâncio; enfeita-me muito e põe-me bonita para dormir. Tenho um pressentimento estranho, tão estranho como doloroso, que não me abandona desde esta tarde, e que me anuncia que este vai ser o meu último sono.

— Que loucura! exclamou a criada, tratando de se mostrar alegre aos olhos da ama. Desprezai, senhora, esses tristes e lúgubres pressentimentos e pensai somente, pelo contrário, em que vos esperam dias cheios de aventura, pois sois ainda muito nova e a vida começa agora para vós.

— Sim, respondeu melancolicamente Desdêmona, mas há de concordar que começa de maneira bem dolorosa! Que será de mim sem o amor de meu esposo?

— Vosso esposo, disse Emília com gesto de convicção;— não tardará em arrancar pelas próprias mãos a negra venda que hoje lhe tapa os olhos, e que o impede de ver todo o tesouro de virtudes e de felicidades que em vós possui! Então voltará ainda mais enamorado do que nunca, e depois vereis, minha querida ama, como esses maus pensamentos que hoje vos atormentam, não tardarão a converter-se em sonhos cor de rosa.

— Queira Deus que não te enganes! respondeu Desdêmona, soltando um profundo suspiro, que pareceu aliviar-lhe um tanto o coração oprimido pela angústia.

— Não me engano, tenho a certeza,— insistiu Emília alegremente. — Vereis como esta mesma noite o vosso esposo virá ver-vos e implorar o vosso perdão, e ao contemplar-vos tão formosa como os anjos de céu, cairá de joelhos ante vós arrependido da sua conduta. Como estais linda, minha senhora!— continuou olhando para a jovem com sincera admiração, depois de dar-lhe uns

últimos toques no toucado. — Agora, dormi e sonhei com dias melhores, porque os bons sonhos trazem consigo a ventura, segundo afirmam.

Dizendo estas palavras, Emília ajudou a jovem a deitar-se; apanhou em seguida as roupas que estavam caídas, pelo aposento, e olhando cuidadosamente em torno de si, para convencer-se que tudo ficava em ordem, deu as boas noites e abandonou em silêncio o quarto, que apenas ficou iluminado pela vaga e febril luz de uma lâmpada de azeite.

Haviam transcorrido dez minutos, e já os preciosos olhos da jovem começavam a cerrar-se, vencidos pelo sono, quando a mesma porta por onde saíra Emília se entreabriu suave e lentamente, e na ombreira apareceu a alta e soberba figura de Otelo.

O mouro avançou com lentidão até ao leito onde repousava a esposa que, ao adivinhar, melhor do que via, a sua presença, deu um débil grito de alegria e estendeu os nus e marmóreos braços ao marido, exclamando amorosamente:

—Tu aqui! meu querido Otelo! Vens dar-me o teu perdão pela desgraçada perda do lenço?

— Rezaste esta noite, Desdêmona? perguntou o general com gravidade meiga e triste, que tinha algo de trágica.

— Sim, esposo meu, respondeu a inocente Desdêmona; esta noite, como todas, fiz as minhas orações do costume. Mas, porque me fazes tal pergunta?— interrogou a infeliz começando a sentir-se presa de vago terror, ao ver a sombria e implacável expressão retratada no semblante do marido.

— Porque vais morrer depois de findarem os cinco minutos que te concedo para encomendares a Deus a tua alma!— respondeu Otelo inexorável.

—Deus! Que dizes? exclamou a jovem, sentando-se no leito, como surpreendida pelo espanto e julgando ter ouvido mal.

—Digo que vais morrer e que aproveites o tempo que te dou para encomendar a tua alma a Deus, repetiu o mouro com frialdade que fazia tanto dano como o de uma folha de aço. E acrescentou logo: Se o próprio Deus houvesse baixado à terra para me anunciar que morrerias às minhas mãos, teria duvidado de Deus; já vês se tinha ou não fé no teu carinho! Mas tu atraíste essa fé, e por isso mereces a morte. Sim— continuou implacavelmente o terrível mouro, exaltando-se à medida que falava, e sem fazer caso do tremor e da mortal lividez que se viam na desventurada e inocente Desdêmona;— sim, mereces e vais justamente morrer. Mas, por que ainda te amo, apesar de tudo, e vim sem armas, porque não quero derramar o teu sangue, que sempre será precioso

para mim, morrerás estrangulada às minhas mãos, entre estas mãos que com tão ardente amor te acariciaram nos dias felizes para mim. Vês como te amo, Desdêmona? Sim, amo-te, e ainda te perdoaria, se tanto fosse possível! Mas não é! Não, não é, porque atraíste o meu amor com um amigo desleal e infame, e porque, não contente com tal crime, para o qual não existe misericórdia possível, urdiste, de cumplicidade certamente com o miserável, uma indigna traição no intuito de que me chamassem a Veneza e vos deixasse aqui a ambos em completa liberdade para gozarem a infâmia praticada.

“Ah! ah! ah! gargalhou o formidável africano, rindo como um louco.

“Já vês que, apesar da nobre ingenuidade do meu caráter, que me entregou de corpo e alma nas tuas mãos, não é tão fácil enganar-me, e que imediatamente adivinhei tudo. Sim, prosseguiu, recobrando a terrível expressão de implacável dureza, adivinhei, mas o vosso plano não dará o êxito apetecido. Ouves?— perguntou, interrompendo-se para escutar as badaladas dos relógios que marcavam a hora. São onze horas e neste momento cai o teu amante sob o punhal de um fiel servidor meu! E como passaram os cinco minutos que te concedi para que encomendasses tua alma, chegou também para ti a hora da morte!

A infeliz Desdêmona quis falar, pedir, suplicar misericórdia ao terrível esposo, fazer protestos da sua inocência, salvar a vida, enfim, porque a morte horrorizava-a e a tal ponto que a fazia tremer e bater os dentes como se tivesse febre; mas tudo foi inútil, porque só teve tempo de lançar um grito desesperado, estridente, horrível e que havia de se ouvir em todos os aposentos do imenso palácio, alterando com a infinita angústia das suas dolorosas vibrações o profundo silêncio da noite.

Os férreos dedos do mouro apertavam ferozmente a delicada e branquíssima garganta da inocente vítima, quebrou-se a coluna vertebral com um estalido horrível e o precioso corpo, abandonado instantaneamente a si próprio, sob o impulso do invencível horror que ao ouvir o espantoso estalido acometeu imediatamente o verdugo, caiu pesadamente sobre o leito flexível e desarticulado, como pesada massa.

Aterrado da própria obra, com os cabelos eriçados e os olhos horrivelmente dilatados pelo espanto, Otelo retrocedeu ante o cadáver da infeliz esposa, tratando, talvez, de fugir para apagar da vista o tremendo espetáculo. Mas, nesse instante abriu-se com violência a porta do aposento e apareceu Emília que, desolada e quase nua, correu para o leito de Desdêmona, gritando;

— Senhora! Que vos aconteceu? Respondei, por Deus, respondei!

— Para traz, miserável encobridora! rugiu Otelo, recobrando toda a sua selvagem crueldade, à vista da mulher que julgava cúmplice no suposto adultério da vítima. E continuou, agarrando por um braço Emília: Sim, morreu, e morreu às pressões de minhas mãos vingadoras, como tu agora vais morrer, infame, para que não fique no mundo nenhuma testemunha, da minha desonra!

E o vingativo africano dispunha-se a sacrificar também ao terrível ódio aquela nova vítima que o destino lhe deparava. Mas, por fortuna para a fiel criada de Desdêmona, naquele momento e atraídos, primeiro por o grito que lançou ao morrer a inocente esposa de Otelo, e depois pelos que havia soltado a mulher de Iago, penetraram no quarto Graciano e os três companheiros da embaixada, o traidor alferes, causa de toda essa espantosa tragédia, e, por último, entraram vários soldados amparando nos braços Cássio, ferido e que havia exigido que o levassem a todo o transe à presença de Otelo sem perda de um minuto, pois em breve morreria e queria falar com o general antes de exalar o último suspiro.

Ao ver entrar tanta gente no aposento, e especialmente ao encontrar-se em presença do venerável Graciano, tio de Desdêmona, Otelo retrocedeu instintivamente alguns passos e deixou em liberdade Emília.

Esta correu, como louca, para os recém-chegados, e gritou, rompendo em soluços:

—Matou a minha ama, senhores, o infame matou-a!

— Sim, confessou sombria e altivamente Otelo, dirigindo um olhar de desafio a todos os presentes, matei-a, porque sou o único juiz da minha honra e eu próprio sentenciei a culpada!

—Mentira! gritou de novo Emília. Senhores, não acrediteis! A infeliz Desdêmona era tão pura e inocente como os anjos do céu, e levava a incomparável bondade de sua alma até ao extremo de amar com todas as energias do seu coração o seu próprio verdugo!

—Tu é que estás mentindo, infame impostora! rugiu Otelo, que tremeu até ao mais íntimo d'alma ao entrever a possibilidade da inocência da esposa pela maneira convicta com que falara a dama. E acrescentou tirando do bolso o lenço de seda, que guardava como prova acusadora: Atrever-te-ás a negar que conheces esta prova do criminoso adultério? Este lenço deu-o minha esposa ao amante, a esse infame Cássio, que o próprio inferno repeliu, pois que ainda o vejo aqui com vida!

Ao ver o lenço, Emília ficou convertida em estátua; pôs-se lívida como um cadáver, as pupilas pareceram querer-lhe saltar das órbitas, e exclamou horrorizada:

— O lenço de seda! O lenço que roubei a Desdêmona!

— Que roubaste?— exclamou Otelo enlouquecido e julgando ter ouvido mal. — É mentira! Foi minha esposa que o deu a Cássio como prenda dos seus criminosos amores!

— Próximo a entregar a alma a Deus interveio com débil e apagada voz o antigo oficial de Otelo —Juro pela minha salvação que nunca vi semelhante lenço nas minhas mãos e que Desdêmona te era tão fiel como pode ser a mulher mais pura do mundo!

“Juro também, continuou falando com grande custo,— que morro vítima de um erro teu, general, e assassinado por ordem desse infame, que não se atrevendo a atacar-me, enviou um instrumento seu, o qual logrou enganar por meio de outra calúnia, e que, depois de ferir-me, acaba de morrer às minhas mãos, confessando tudo! Juro, por último, acrescentou Cássio, cada vez com voz mais débil,— que sempre te amei como a um pai, como ao morrer te quero ainda, e que Desdêmona, tão inocente e pura como um anjo, não foi outra cousa para mim do que foi para toda a gente; um coração cheio de bondade e de doçura! Juro-o por tudo quanto existe de sagrado!...

E o antigo tenente de Otelo caiu sem sentidos nos braços dos soldados que o amparavam.

— E eu juro — exclamou por sua vez Emília, encarando Otelo, que permanecia atônito, como se tivesse recebido um profundo golpe; juro que esse homem disse a verdade, que minha ama era pura como um raio de sol e inocente como uma criança; que Cássio nunca teve em suas mãos esse lenço, e que fui eu que o roubei a Desdêmona, obrigada a tal ato por meu marido e fazendo-o jurar que com ele não prejudicaria ninguém! Juro-o pela memória de meus pais!

Sucedeu então uma cousa verdadeiramente horrível.

Iago, ao ver o caminho que tomavam para ele as coisas, fora aproximando-se lentamente da porta para se escapulir sem ser visto. Mas, no momento em que Emília se calou, Otelo saltou sobre ele com a agilidade e a força de um leopardo, e arrancando-lhe a própria espada, enterrou-lha nas entranhas até aos copos. Em seguida, voltando-se para onde estava Graciano, e tirando o punhal que o velho senador trazia pendente do cinto cravou-o no próprio peito até ao cabo e caiu sobre o leito em que jazia o cadáver de Desdêmona, à qual deu a alma num beijo com o último suspiro.

A dupla ação do formidável e ciumento mouro havia sido tão rápida, que quando os circunstantes, refeitos do assombro, quiseram intervir, já estava consumada a tragédia.